



UFRJ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**EDUCAÇÃO BILÍNGUE EM DEBATE: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE PLATAFORMAS
DIGITAIS APÓS O PARECER CNE/CEB nº 2/2020.**

MARIA DAS GRAÇAS MACHADO DA SILVA

RIO DE JANEIRO

2025

MARIA DAS GRAÇAS MACHADO DA SILVA

EDUCAÇÃO BILÍNGUE EM DEBATE: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE PLATAFORMAS
DIGITAIS APÓS O PARECER CNE/CEB nº 2/2020.

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel em Letras Português-Espanhol.

Orientadora: Deise Cristina de Lima Picanço

RIO DE JANEIRO

2025

CIP - Catalogação na Publicação

Da Silva, Maria das Graças Machado
D111e EDUCAÇÃO BILÍNGUE EM DEBATE: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE
PLATAFORMAS DIGITAIS APÓS O PARECER CNE/CEB n°
2/2020. / Maria das Graças Machado Da Silva. -- Rio de Janeiro,
2025.
66 f.

Orientador: Deise Cristina de Lima Picanço. Trabalho de
conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras,
Bacharel em Letras: Português - Espanhol, 2025.

1. Bilinguismo. 2. Análise de discurso. 3.
Educação bilíngue. 4. Políticas educacionais. 5. ;
Linguística aplicada. I. Picanço, Deise Cristina de
Lima , orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Maria das Graças Machado da Silva

EDUCAÇÃO BILÍNGUE EM DEBATE: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE PLATAFORMAS
DIGITAIS APÓS O PARECER CNE/CEB nº 2/2020.

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel em Letras Português-Espanhol.

Data da avaliação: ____/____/____

Banca examinadora:

NOTA: 10,0

Prof^ª. Dr^ª. Deise Cristina de Lima Picanço (Orientadora)

Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA: 10,0

Prof^ª. Dr^ª. Astrid Johana Pardo Gonzalez (leitora crítica)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Dedico a ti, que, com tanto carinho, me acolheu nos dias difíceis.

Agradecimentos

“Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco.”

1 Tessalonicenses 5:18

Sou grata primeiramente à Santíssima Trindade, que, em todos os momentos, esteve presente me direcionando nessa jornada, e à Santíssima Virgem, que, em meio aos meus desequilíbrios, não cessou de interceder.

À minha família, meu alicerce, agradeço por cada gesto de amor, por cada palavra de incentivo e por acreditarem em mim mesmo quando eu mesma duvidei. Aos meus pais, que me ensinaram com o exemplo o valor do esforço, da fé e da honestidade. Ao meu irmão, por estar sempre por perto, com sua presença firme que tantas vezes me trouxe conforto e força.

Aos meus padrinhos, sou eternamente grata por todo o incentivo, amor, cuidado e orações constantes, que aquecem meu coração em cada etapa da vida.

Com carinho, agradeço também aos amigos de graduação, em especial à Larissa, Yan, Marcelle e Lucas, que durante todo o percurso pós-pandêmico estiveram comigo e me deram forças para continuar nas inúmeras vezes que pensei em desistir.

Aos meus amados amigos de caminhada na igreja, que por mim comemoram cada mínima conquista, nesse momento tão importante não poderia deixá-los de lado, pois vocês foram e continuam sendo suporte, inspiração e presença constante da graça e cuidado de Deus na minha vida.

À minha orientadora, Deise, minha sincera gratidão por toda paciência, dedicação e sabedoria compartilhada ao longo desta caminhada. Sua escuta atenta, suas orientações precisas e seu olhar sempre acolhedor foram fundamentais para que eu pudesse crescer academicamente e pessoalmente. Obrigada por acreditar no meu trabalho e por me incentivar mesmo nos momentos de insegurança.

E, claro, ao meu fiel companheiro de todas as horas — meu gato, Dengo — que esteve ao meu lado nas noites em claro, deitado sobre os cadernos, como quem dizia “você consegue!”. Sua presença silenciosa, mas cheia de afeto, tornou os momentos mais difíceis um pouco mais suaves.

“Como Antígona a poesia do nosso tempo diz: ‘Eu sou aquela que não aprendeu a
ceder aos desastres.’”

— Sophia de Mello Breyner Andresen, *Livro Sexto*

Resumo

A presente monografia tem como objetivo analisar criticamente as propostas de ensino bilíngue veiculadas em uma amostra selecionada de um conjunto de plataformas digitais, relacionando seus discursos aos fundamentos teóricos do bilinguismo e às diretrizes educacionais brasileiras, em especial o Parecer CNE/CEB nº 2/2020. Para isso, foram mobilizadas as contribuições da Linguística Aplicada (Rossoni, 2023) Análise Dialógica de Discurso (Sobral e Giacomelli, 2016), com base em autores do Círculo de Bakhtin (2006) e da Pesquisa Documental (Sá-Silva, Almeida & Guindani, 2009), entre outros. Já a fundamentação teórica sobre bilinguismo é construída a partir de autores como Megale (2005), Almeida e Flores (2017), Flory e Souza (2019), Tussi e Ximenez (2022), a fim de observar as diferentes perspectivas sobre o fenômeno, desde abordagens estruturais até dimensões socioculturais e identitárias. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, com enfoque na análise documental, tendo como corpus os enunciados encontrados nas plataformas Conexia Educação, Faculdade Unyleya e Edify Education, sendo esta última analisada mais profundamente, pois sua proposta é mais detalhada, permitindo uma reflexão mais consistente. A pesquisa nos mostra que, embora essas plataformas apresentem propostas de implementação de programas bilíngues, os discursos predominantes são de caráter mercadológico, muitas vezes desvinculados de práticas pedagógicas críticas e inclusivas. Observou-se também a ausência de diretrizes claras para a educação infantil bilíngue nos documentos oficiais, o que abre espaço para interpretações e práticas inconsistentes. O estudo aponta que a formação bilíngue, para além da fluência linguística, deve considerar aspectos identitários, culturais e sociais, valorizando o desenvolvimento integral dos sujeitos e respeitando a diversidade linguística brasileira. Entre as plataformas analisadas nessa amostra, a Edify se destaca por considerar também o ensino bilíngue em outras línguas, e por trazer mais consistência discursiva em relação à comercialização do ensino bilíngue, tornando-se bastante representativa nas tendências ideológicas predominantes no mercado de educação bilíngue privada.

Palavras-chave: Análise de discurso; Bilinguismo; Educação bilíngue; Linguística aplicada; Políticas educacionais.

Resumen

La presente monografía tiene como objetivo analizar críticamente las propuestas de enseñanza bilingüe difundidas en una muestra seleccionada de un conjunto de plataformas digitales, relacionando sus discursos con los fundamentos teóricos del bilingüismo y con las directrices educativas brasileñas, en especial el Parecer CNE/CEB nº 2/2020. Para ello, se movilizaron los aportes de la Lingüística Aplicada (Rossoni, 2023), el Análisis Dialógico del Discurso (Sobral y Giacomelli, 2016), con base en autores del Círculo de Bajtín (2006), y de la Investigación Documental (Sá-Silva, Almeida y Guindani, 2009), entre otros. La fundamentación teórica sobre bilingüismo se construye a partir de autores como Megale (2005), Almeida y Flores (2017), Flory y Souza (2019), Tussi y Ximenez (2022), con el fin de observar las distintas perspectivas sobre el fenómeno, desde enfoques estructurales hasta dimensiones socioculturales e identitarias. La metodología adoptada es de carácter cualitativo, con énfasis en el análisis documental, teniendo como corpus los enunciados encontrados en las plataformas Conexia Educação, Faculdade Unyleya y Edify Education, siendo esta última analizada con mayor profundidad por presentar una propuesta más detallada, lo que permite una reflexión más consistente. La investigación muestra que, aunque estas plataformas presentan propuestas para implementar programas bilingües, los discursos predominantes son de carácter mercadotécnico, muchas veces desvinculados de prácticas pedagógicas críticas e inclusivas. También se observó la ausencia de directrices claras para la educación infantil bilingüe en los documentos oficiales, lo que abre espacio para interpretaciones y prácticas inconsistentes. El estudio señala que la formación bilingüe, más allá de la fluidez lingüística, debe considerar aspectos identitarios, culturales y sociales, valorando el desarrollo integral de los sujetos y respetando la diversidad lingüística brasileña. Entre las plataformas analizadas en esta muestra, Edify se destaca por considerar también la enseñanza bilingüe en otras lenguas, y por presentar una mayor coherencia discursiva en relación con la comercialización de la enseñanza bilingüe, convirtiéndose en un referente representativo de las tendencias ideológicas predominantes en el mercado de la educación bilingüe privada.

Palabras clave: Análisis del discurso; Bilingüismo; Educación bilingüe; Lingüística aplicada;

Sumário

1. Introdução.....	1
2. Metodologia.....	6
3. Conceitos Fundamentais.....	9
3.1 Linguística e Linguística Aplicada.....	9
3.2 As concepções de língua, discurso e sua relação com os falantes.....	11
4. Introdução ao Bilinguismo.....	13
4.1 Bilinguismo.....	13
5. Bilinguismo na Educação.....	23
5.1 - Políticas linguísticas e educacionais.....	26
5.2 - Diretrizes e Bases Educacionais.....	27
6. Análise de Sites e Propostas Educacionais.....	34
6.1- Análise da Plataforma Edify Education.....	36
6.2- Como o discurso compõe o cenário brasileiro.....	44
7. Considerações Finais.....	47

1. Introdução

O bilinguismo, por ser um fenômeno linguístico, tem sido objeto de estudo e debate em diversas áreas de conhecimento, como linguística, psicologia e educação. E, embora o conceito de bilinguismo pareça simples à primeira vista, ele abrange uma multiplicidade de definições e interpretações que variam conforme o contexto em que é analisado. Essas diferentes abordagens teóricas não apenas refletem a complexidade do bilinguismo, mas também afetam diretamente as práticas educacionais, o desenvolvimento cognitivo e as políticas linguísticas adotadas por diversas nações.

Com isso, podemos observar que o bilinguismo tem despertado crescente interesse na academia, o que, por um lado, se torna positivo por enriquecer os debates em várias áreas, mas, por outro, gera desafios em termos de consistência e aplicabilidade das pesquisas e políticas relacionadas. Quando se trata, mais especificamente, de educação bilíngue, ainda surgem mais entraves, visto que há, em torno desse assunto, muitos questionamentos sobre se realmente existe um período em que é mais fácil aprender uma língua estrangeira. Acredita-se que quanto mais cedo a criança for exposta a outra língua, melhor será seu desenvolvimento nela. Por conta disso, os responsáveis desses “futuros bilíngues” recorrem a cursos e escolas que proporcionem aos seus filhos um ensino que supra essas necessidades. No entanto, é indispensável, para isso, um ambiente que favoreça a aprendizagem de um novo idioma com a mesma complexidade com que o indivíduo desenvolveu sua língua materna e, em sua maior parte, as instituições não oferecem esse suporte.

Essa limitação é particularmente evidente em muitas escolas que possuem um “currículo bilíngue”, no entanto, os dados recentes do Ministério da Educação (MEC) dizem que houve um aumento expressivo de 64% na busca por escolas bilíngues, no período entre 2019 e 2023, por conta de um apelo mercadológico que envolve o tema. O aumento da procura por métodos e programas que se adequem a essa realidade trouxe, por consequência, não só o crescimento significativo de plataformas que incentivam pais a matricularem seus filhos em escolas com programas bilíngues, mas também cursos e plataformas que disponibilizam ferramentas e capacitações voltadas a profissionais da área (gestores escolares, proprietários de instituições, diretores, coordenadores e professores), para a implementação de programas bilíngues em suas escolas.

Há nesse ponto um fator importante, o qual podemos chamar de “comercialização da língua”, pois em sua maior parte essas plataformas educacionais apelam ao lado emocional. Em quase todos os sites com direcionamento às escolas, são oferecidas “consultorias”, afinal o que estão vendendo não é apenas um método de compartilhar conhecimento, mas sim a ideia de um curso personalizado onde utilizam a linguagem como um produto ajustável, oferecendo pacotes diferenciados para escolas que desejam implementar a “educação bilíngue” de acordo com seu contexto e público-alvo. Isso inclui desde cursos intensivos de formação de professores até plataformas adaptáveis para escolas que já possuem ‘uma estrutura bilíngue’ em andamento.

Geralmente, essas ferramentas “facilitadoras” são voltadas a escolas particulares, então é vantagem oferecer o diferencial para atrair mais alunos. O ensino de uma língua adicional em uma suposta educação bilíngue funciona como um “benefício de luxo”, e para os pais, a proposta se torna atrativa por explicar o programa bilíngue como uma maneira de garantir melhores oportunidades futuras para crianças e jovens. O argumento comercial que utilizam é que o domínio de uma segunda língua, como o inglês ou o espanhol, aumenta as chances de sucesso acadêmico e profissional, ou seja, trata a aprendizagem de uma língua como um diferencial competitivo.

Todas elas trazem em suas páginas um marketing focado em benefícios econômicos, associando o aprendizado de uma segunda língua como uma habilidade necessária para a ascensão social, o que por sua vez traz a ideia de Bourdieu (1972 apud ALMEIDA, 2002) de que as línguas são tidas como mercadorias com valores determinados pelo prestígio na sociedade, ou melhor, produtos prontos. E, como Del Valle e Gabriel-Stheeman (2004) ressaltam, essa visão mercadológica pode obscurecer a importância da educação bilíngue como um meio de promover a diversidade cultural e a inclusão social. Nesse contexto, o Parecer CNE/CEB nº 2/2020 aparece como um ponto de referência importante, já que propõe diretrizes específicas para a construção de um projeto de educação bilíngue que vá além de um simples diferencial de mercado.

Esse parecer, que na época de sua publicação foi bastante questionado pela comunidade acadêmica e escolar, estabelece diretrizes para a educação bilíngue no Brasil. Embora proponha parâmetros importantes para que esse modelo de ensino não se restrinja a uma estratégia comercial, o documento é visto como insuficiente diante da complexidade da diversidade linguística e cultural brasileira, principalmente por dar uma ênfase especial a modelos de ensino voltados ao setor privado. Esse aspecto acentua a ausência de diretrizes

claras para a educação bilíngue pública e abre espaço às diversas interpretações que tendem a se posicionar em favor dos aspectos como a ascensão social e a empregabilidade, em detrimento de uma formação crítica e inclusiva. Nesse sentido, Liberali (2020) aponta que a educação bilíngue no Brasil corre o risco de ser utilizada como instrumento de reforço da colonialidade, quando reproduz práticas de compartimentalização linguística e prioriza determinadas línguas em detrimento de outras.

Apesar de propor uma educação que siga práticas pedagógicas coerentes e de qualidade, contemplando o desenvolvimento de competências linguísticas equilibradas em ambas as línguas, o documento é insuficiente. A autora defende que, para se tornar verdadeiramente transformadora, a educação bilíngue precisa se alinhar a uma perspectiva decolonial, que valorize a pluralidade de repertórios e promova a agência dos sujeitos em contextos translíngues, ou seja, a expansão desse modelo de ensino deveria, portanto, estar alinhada às normas que asseguram o desenvolvimento pleno dos estudantes, tanto no idioma materno quanto na língua adicional, de maneira inclusiva, crítica e emancipatória.

Por isso, vale refletir com mais cuidado sobre o quanto essas plataformas realmente contribuem com métodos eficazes e informações consistentes para uma educação bilíngue de qualidade. Embora ofereçam recursos e diretrizes para a implementação de programas bilíngues, é necessário questionar até que ponto elas realmente atendem às especificidades locais e respeitam o processo natural de aprendizagem de uma segunda língua, tal como preconizado nas recomendações oficiais.

Esse ponto torna-se relevante principalmente pelo fato de que essas diretrizes, assim como as plataformas, também são voltadas em especial às escolas particulares. O documento a que nos referimos tem como objetivo principal garantir uma educação bi ou plurilíngue em escolas brasileiras que a oferecem. Entrou para a legislação brasileira como um olhar inovador do que é ser bilíngue. De acordo com as diretrizes, a educação bilíngue deve desenvolver duas ou mais línguas e culturas de maneira crítica e multidimensional. Um indivíduo bilíngue, portanto, é visto como alguém que navega entre diferentes contextos linguísticos e culturais, utilizando práticas translíngues de comunicação (SARRI, 2021). No entanto, também aparece com algumas lacunas, que serão comentadas no capítulo 5, quando tratarmos das diretrizes e bases educacionais.

Desse modo, torna-se necessário olhar com atenção tanto para o que as plataformas oferecem quanto para o próprio Parecer CNE/CEB nº 2/2020, questionando se as práticas

educativas que propõem são, de fato, coerentes com os objetivos de uma educação bilíngue inclusiva e eficiente. Nesse contexto, a presente pesquisa será realizada com o objetivo de investigar as propostas fornecidas para tornar escolas bilíngues, visando compreender em quais pontos as ideias convergem entre si, em quais divergem e, a partir dessa análise, levantar reflexões que possam contribuir para futuros estudos e discussões sobre os caminhos possíveis para uma educação bilíngue crítica e contextualizada.

A pesquisa será embasada em teorias e métodos da análise documental e da linguística aplicada. Teorias como a teoria da representação documental (Sá-Silva, Almeida & Guindani, 2009) e a análise dialógica de discurso (Brait, 2006) serão fundamentais para a compreensão dos processos de construção e disseminação dos conceitos de bilinguismo usado nos sites para convencimento do público. E, para enriquecimento dessa discussão e análise mais profunda do Parecer CNE/CEB Nº 2/2020, partiremos das reflexões propostas em “Discussão Das Diretrizes Curriculares Nacionais Para A Oferta De Educação Plurilíngue Em Contextos De Elite” (Sarri, 2021).

A origem dos dados para esta análise será um conjunto selecionado de sites e plataformas de educação bilíngue, documentos acadêmicos, incluindo artigos científicos, livros e teses que abordam o bilinguismo em diferentes contextos, para entendermos a eficácia dos métodos propostos à educação. A proposta de análise envolve primeiramente a categorização dos principais conceitos e definições de bilinguismo, contemplando também a maneira como o Parecer e os sites/plataformas o apresentam ao público. Após a exposição e análise crítica de propostas oferecidas nos sites, buscaremos mapear as ideias com o objetivo de identificar convergências e divergências que possam contribuir para a reflexão sobre uma educação bilíngue consistente.

Os dados coletados serão analisados à luz das teorias selecionadas, com o intuito de responder a questões centrais não só sobre como o bilinguismo é conceituado, suas implicações nas áreas de educação e desenvolvimento cognitivo, mas também sobre metodologias de ensino. Dessa forma, espera-se identificar não apenas os modelos teóricos que embasam o bilinguismo, mas também como essas teorias se refletem na proposta educacional, especialmente em relação às abordagens adotadas pelas plataformas que promovem a educação bilíngue. A análise buscará, ainda, evidenciar possíveis discrepâncias entre o discurso teórico e a sugestão de aplicação prática, destacando as limitações que podem surgir quando o bilinguismo é tratado de forma simplificada ou meramente comercial.

O texto está dividido em seis partes,¹ na primeira há a exposição da metodologia da pesquisa, já a segunda parte contempla alguns conceitos fundamentais para a discussão do bilinguismo, como língua, linguística e estudos linguísticos; a terceira parte introduz o bilinguismo a partir de uma perspectiva cronológica de debates sobre a sua conceitualização e o que seria “ser bilíngue”. O quarto tópico visa observar a aplicação do bilinguismo na educação, debatendo tanto as políticas linguísticas e educacionais quanto as diretrizes e bases que o envolvem. A quinta parte visa analisar as plataformas a partir dos critérios já mencionados e observar de que maneira o discurso compõe o cenário de educação bilíngue no Brasil e, por fim, na sexta parte, discorreremos sobre as considerações finais.

Esta pesquisa se insere em um campo de estudos que tem buscado explorar a diversidade de conceitos e abordagens sobre o bilinguismo e, de maneira central, como se aplica na educação. Trabalhos anteriores, como os de Frizzo (2013), Megale (2005), Almeida & Flores (2017), Pohl, Santorum & Brandenburg (2016) e, por fim, Flory & Souza (2009), que discorrem sobre os aspectos do bilinguismo na pré-escola e discutem as diferentes formas de se conceber o bilinguismo, destacando a variabilidade nas definições e nas perspectivas teóricas, serão importantes para nossas reflexões.

¹ Esta monografia contou com o auxílio da ferramenta ChatGPT (OpenAI) para questões de formatação e também do QuillBot para revisão ortográfica.

2. Metodologia

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, com abordagem exploratória e analítica. Segundo Paiva (2019), a pesquisa qualitativa tem como foco a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos aos fenômenos sociais, priorizando a interpretação dos dados em seus contextos naturais. Nesse caso, buscamos compreender os significados e interpretações presentes nos discursos sobre o bilinguismo e a educação bilíngue.

Com relação à abordagem exploratória, a autora diz que busca oferecer uma visão inicial mais abrangente sobre temas ainda pouco investigados, permitindo que nos aproximemos do objeto de estudo e formulemos questões relevantes. Sendo assim, o objeto de estudo dessa monografia são os discursos das plataformas digitais que propõem o ensino bilíngue. Já o caráter analítico diz respeito à maneira que pretendemos compreender além da descrição, ou seja, quando buscamos compreender as relações entre os dados e os referenciais teóricos adotados, no nosso caso, as teorias, diretrizes oficiais e práticas discursivas.

A fundamentação teórica apoia-se em textos acadêmicos que discutem bilinguismo, política linguística e linguística aplicada, que foram selecionados por sua relevância teórica, recorrência em produções sobre bilinguismo e consonância com os objetivos do estudo. E, como base contextual, foram considerados documentos oficiais, como o Parecer CNE/CEB Nº 2/2020, que, após sua publicação, influenciou diretamente no cenário da educação bilíngue brasileira.

Com isso, foram analisados os discursos veiculados em plataformas digitais voltadas para o ensino bilíngue, sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD). O objetivo é compreender como essas plataformas estruturam discursivamente o conceito de educação bilíngue, que discursos produzem sobre os sujeitos envolvidos no processo educativo, como pais, professores e até mesmo gestores de escolas, visando observar de que maneira esses sites conversam (ou não) com as concepções atuais do bilinguismo, com os documentos oficiais, as políticas públicas educacionais em vigor, especialmente o Parecer CNE/CEB nº 2/2020.

A análise foi orientada por dois referenciais teórico-metodológicos principais: a teoria da representação documental, conforme apresentada por Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), e os pressupostos da Análise Dialógica de Discurso de orientação bakhtiniana, que compreende o discurso como prática social e dialógica, atravessada por relações de poder, valores ideológicos e construção de sentidos (Bakhtin, 2016 [1952-1953]) a partir dos estudos de Sobral e Giacomelli (2016). Dessa forma, poderemos examinar tanto os elementos

objetivos presentes nos sites quanto aos aspectos simbólicos e ideológicos que atravessam os discursos sobre o bilinguismo de uma forma mais crítica.

Os autores propõem um caminho metodológico fundamentado no pensamento do Círculo de Bakhtin. Sendo ele: (1) a descrição do corpus e de seu contexto de circulação; (2) a identificação dos enunciadores, das vozes que compõem o discurso e das relações dialógicas que estabelecem; e (3) a interpretação dos sentidos construídos nos textos, com atenção às ideologias que os atravessam. Logo, as etapas foram seguidas primeiramente da descrição das plataformas analisadas e seus enunciados principais, depois na identificação de seus interlocutores, vozes projetadas e efeitos de autoridade e, por fim, na interpretação crítica de seus sentidos com base na teoria do bilinguismo e nas políticas educacionais.

A opção pela ADD fundamenta-se no pensamento de Bakhtin e do Círculo, especialmente no entendimento de que o discurso é sempre situado historicamente, atravessado pela interação entre sujeitos e constituído por relações dialógicas (Sobral; Giacomelli, 2016). De acordo com essa abordagem, o enunciado é a unidade básica de análise, pois carrega marcas de autoria, contexto e intencionalidade, sendo sempre dirigido a um interlocutor real ou presumido (Brait, 2006). Isso significa que as linguagens presentes nas plataformas não são neutras, mas mostram escolhas discursivas que dialogam com discursos sociais mais amplos, como os da globalização, da modernização escolar e da valorização da língua estrangeira como língua de prestígio.

A análise do discurso das plataformas pode ser complementada pela noção de responsividade proposta por Bakhtin (2016[1952-1953]), que afirma que todo enunciado responde a outros enunciados anteriores, seja de forma direta ou indireta. Essa característica é fundamental para entender como os textos presentes nas plataformas digitais se constroem em relação a discursos já estabelecidos, mesmo quando não o fazem de maneira explícita. Com isso, é importante ressaltar também que a responsividade implica uma expectativa sobre o que o discurso pretende provocar no interlocutor, como convencer, acolher, vender, emocionar ou legitimar.

Além do conceito de enunciado e responsividade, é importante trazer também a noção de gêneros discursivos. Para Bakhtin ([1952-1953] 2020) os gêneros discursivos são "tipos relativamente estáveis de enunciados" que funcionam como "correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da língua", ou seja, emergem em cada esfera da atividade humana, são caracterizados por seu conteúdo temático, estilo verbal e composição e são moldados pelas práticas comunicativas. No caso das plataformas educacionais, as interações e os materiais se organizam em gêneros específicos, como posts em fóruns de discussão, blogs,

mensagens de chat, entre outros, cada um com suas particularidades, mas não de forma separada, o que dificulta a definição de apenas um gênero para elas. Sendo assim, em um debate discorrido por Guerra e Pereira (2024), se tornou mais claro e produtivo chamá-las de (hiper)gêneros, que segundo eles, é um "agrupamento de gêneros, compondo uma unidade de interação maior (um grande enunciado)", ou seja, as plataformas não são meramente um conjunto de gêneros isolados, mas sim um "macroenunciado" que organiza e integra diversos gêneros discursivos menores em uma totalidade coesa.

A escolha das plataformas para a análise foi feita a partir de uma pesquisa realizada entre os meses de outubro de 2024 e abril de 2025, com o objetivo de mapear diferentes propostas de educação bilíngue disponíveis no contexto digital brasileiro, considerando critérios como: visibilidade nacional, autodeclaração como voltados à educação bilíngue e disponibilização pública de informações institucionais. Foram utilizados mecanismos de busca como Google e Bing, com palavras-chave como “educação bilíngue”, “ensino bilíngue”, “plataformas bilíngues” e “formação em bilinguismo”. A partir dessas buscas, foram encontrados aproximadamente 122.000 resultados no Bing e 166.000 no Google. Dentre as páginas acessadas, mais de vinte plataformas foram identificadas e catalogadas, variando entre escolas bilíngues, cursos de formação e programas educacionais de grande alcance. Então, para o corpus desta pesquisa, optamos por realizar a análise de três plataformas que representassem perfis institucionais distintos: (1) Edify Education, como exemplo de programa bilíngue voltado à educação básica em escolas privadas; (2) Faculdade Unyleya, como representante da formação docente em nível de pós-graduação; e (3) Conexia Educação, por sua abordagem estratégica e ampla voltada à gestão escolar. A tabela abaixo sintetiza as informações básicas coletadas sobre as três plataformas escolhidas para análise:

Tabela 1- Informações sobre as Plataformas

Nome	Link	Nome da página	Público alvo
Edify Education	Ensino Bilíngue: Absolutamente Tudo o que Você Precisa Saber! (edifyeducation.com.br)	Ensino Bilíngue: Absolutamente Tudo o que Você Precisa Saber!	Gestores/ donos de escolas privadas. (Dependendo do contexto, professores e famílias)

Faculdade Unyleya	<u>Pós-Graduação em Educação Bilíngue Unyleya - Pós-Graduação e Graduação EAD de qualidade</u>	Pós-Graduação EAD Educação Bilíngue	Professores e coordenadores pedagógicos.
Conexia Educação	<u>Entenda o que é escola bilíngue e quais são as vantagens! (conexia.com.br)</u>	Entenda o que é escola bilíngue e quais são as vantagens	Gestores escolares

A partir desses referenciais, foram definidos os seguintes critérios de análise: (a) Definição de educação bilíngue, levando em consideração as classificações comentadas por Almeida & Flores (2009): (1) *bilinguismo transicional*, (2) *bilinguismo mono-letrado*, (3) *bilinguismo parcial bi-letrado*, (4) *bilinguismo total bi-letrado*; (b) Público-alvo; (c) Tom discursivo; (d) Representações visuais; (e) Referência a documentos oficiais; (f) Vantagens atribuídas ao bilinguismo; (g) Concepção de língua (produto, direito, identidade); e (h) Atenção a aspectos culturais e sociais. Com isso, buscamos compreensão aprofundada de um fenômeno em contextos específicos de acordo não só com a intencionalidade, mas também com o público que deseja alcançar e de quais maneiras pretende concluir seu objetivo.

3. Conceitos Fundamentais

Antes de começarmos a discussão sobre a educação bilíngue e as plataformas, é apropriado que entendamos, principalmente, sobre o bilinguismo. Com isso, torna-se conveniente deixarmos claro alguns conceitos e campos importantes, como língua, linguística e linguística aplicada. Essa parte inicial, servirá não apenas para compreendermos melhor as concepções do bilinguismo, mas também para conseguirmos observar inicialmente como ele se manifesta e é tratado no campo da linguagem, os fatores que influenciam diretamente no desenvolvimento linguístico quando tratamos de uma educação bilíngue. Abordaremos aqui também conceitos relevantes como o multi e o plurilinguismo.

3.1 Linguística e Linguística Aplicada

A linguística é a área de estudo dedicada à investigação científica da língua e da linguagem. Enquanto disciplina, teve grande influência de Ferdinand de Saussure (1857-1913), um linguista suíço, que, através dos seus estudos, tornou-se base para a fundamentação da linguística moderna. Sua obra mais conhecida, o *Curso de Linguística Geral*, foi publicada postumamente em 1916 por seus alunos, a partir de anotações de suas aulas, onde, relata uma visão mais generalizada sobre essa área, trazendo não apenas a perspectiva histórica do estudo, mas também delimitando o objeto da pesquisa.

Embora muitos considerem esse curso um marco inaugural da linguística estrutural, é importante destacar que essa centralidade atribuída a Saussure não é um consenso entre todos os pesquisadores, visto que, segundo o autor:

A matéria da linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a "bela linguagem", mas todas as formas de expressão." (Saussure, 2011[1916], p. 13)

Onde, por um lado, pode-se notar com clareza que reconhece e reforça a ideia de que a linguagem deve ser o objeto principal do estudo, tendo como objetivo considerar todas as manifestações da linguagem humana, por outro lado, traz um conceito de uma maneira plenamente eurocêntrica, refletindo pensamento científico ocidental da época, ao distinguir “povos selvagens” de “nações civilizadas”. Então, ainda que utilizemos algumas de suas ideias para a presente pesquisa, já que é inegável que Saussure contribuiu de maneira decisiva

para a consolidação da linguística como ciência, é necessário fazer uma leitura crítica de suas ideias, reconhecendo as limitações ideológicas presentes em seus conceitos e expressões.

Sendo assim, outro ponto importante a ser destacado é que Saussure (2011[1916]) diz ainda que o objetivo da linguística é descrever e investigar a história das diversas línguas, analisando suas famílias linguísticas e reconstruindo as línguas ancestrais, identificar os fatores universais que influenciam todas as línguas ao longo do tempo e estabelecer leis gerais que expliquem os fenômenos históricos da linguagem. Sendo assim, passamos a entender que a linguística busca contemplar como as línguas funcionam, como elas são adquiridas, usadas e evoluem ao longo do tempo.

Tendo isso em vista, podemos observar que a proposta metodológica de Saussure não condiz exatamente com o que tratamos de uso prático da linguagem, mas sim como um sistema da língua (*langue*), em oposição ao uso individual da linguagem (*parole*). Saussure prioriza o estudo da estrutura interna das línguas, entendendo-as como sistemas de signos que se organizam de forma relacional e abstrata, portanto, quando tratamos de “evolução”, não estamos considerando os usos concretos da linguagem em contextos sociais específicos, mas sim mudanças estruturais no sistema da língua ao longo do tempo.

Por outro lado, o Círculo de Bakhtin, tanto na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* de Voloshinov (2017[1929]), quanto em *Os Gêneros do Discurso*, de Bakhtin(2016[1952 - 1953]), defende que a linguagem, não pode ser reduzida a um sistema formal desconectado da prática social, pois a linguagem é dialógica, ou seja, só existe na interação concreta entre sujeitos em contextos sociais, sendo assim o significado só surge a partir das interações, de maneira dinâmica, inacabada e carregada de intenções sociais, históricas e ideológicas. Dessa forma, para o Círculo de Bakhtin, a ideia de mudanças puramente estruturais no sistema é completamente inviável, visto que a transformação da linguagem é indissociável de conflitos sociais. Pensando dessa forma, a visão estruturalista, que Saussure trouxe, embora tenha contribuído para a consolidação da linguística como uma ciência independente, desconsidera a linguagem em sua dimensão viva, social e interativa.

Assim, podemos compreender que foi a partir das críticas a esse olhar abstrato e descontextualizado que outras correntes da linguística passaram a valorizar o uso da linguagem em práticas reais, considerando seus aspectos históricos, sociais e ideológicos. Nesse movimento, surge a necessidade de abordagens mais amplas, como as que se articulam na Linguística Aplicada, que busca compreender não apenas o funcionamento do sistema linguístico, mas também como a linguagem é construída, negociada e ensinada nos diferentes espaços sociais.

Com isso, é necessário entendermos que o campo da linguística é bastante amplo e se desdobra em diversas subáreas que, mesmo com enfoques distintos, dialogam com os estudos da linguagem em diferentes níveis, sejam eles internos ou externos à língua. Algumas dessas áreas, como: fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, integram diretamente a estrutura da linguística tradicional. Outras, como a psicolinguística, sociolinguística, neurolinguística e a antropologia linguística, aproximam-se da linguagem por meio de interfaces com outras disciplinas, contribuindo para um olhar mais abrangente sobre o fenômeno linguístico.

Quando tratamos do bilinguismo, as particularidades de cada um desses setores facilitam entender o fenômeno de falar duas (ou mais) línguas de maneira integrada e dinâmica. Se observarmos, por exemplo, o bilinguismo de uma perspectiva fonético-fonológica, conseguimos entender como falantes bilíngues produzem e percebem os sons de ambas as línguas, mas se buscarmos o ângulo visto pela semântica e pragmática, conseguimos captar não só como significados das palavras e expressões são geridos em duas línguas, mas também possíveis confusões entre palavras que soam parecidas, mas têm significados diferentes.

E, ainda havendo mais possibilidades de análises linguísticas com relação ao fenômeno, podemos observar também como o contexto e a comunidade influenciam a manutenção e o uso das duas línguas, identidade e práticas sociais/culturais através dos campos da sociolinguística e da antropologia. Logo, para entendermos do que realmente se trata o bilinguismo, a linguística é uma disciplina fundamental. No entanto, a linguística, ao olhar apenas os aspectos formais da linguagem, torna-se limitada para refletirmos sobre um fenômeno tão complexo. Nesse sentido, Rossoni (2023) evidencia a Linguística Aplicada (LA) como a principal área que se responsabiliza pelo estudo de aprendizagem, ensino, e aquisição de língua estrangeira e segunda língua, e é dessa mesma percepção que nos utilizaremos quando formos observar as políticas educacionais e propostas de ensino das plataformas.

3.2 As concepções de língua, discurso e sua relação com os falantes

Para entendermos as diferenças entre a perspectiva linguística e a da linguística aplicada, partimos da própria definição do objeto : a língua. Para Saussure (2011[1916]), defini-la é um tanto complexo, pois ao lançar um olhar estruturalista sobre ela, a entendemos como um sistema autônomo, fechado e transparente, deixando-a apenas como um sistema de

signos Convencionais compartilhados por uma comunidade, ou seja, é o meio de comunicação entre os membros de uma comunidade (ex.: inglês, português, espanhol). Quando trata desse assunto, Jordão nos traz a seguinte reflexão:

Nesta tradição de pensamento, concebe-se a língua como um intermediário entre o sujeito e o mundo; a língua daria acesso ao mundo, permitiria que agíssemos nele. Conseqüentemente, a realidade aqui é concebida como algo externo ao sujeito, independente dele. A língua representaria esse mundo para nós, ao mesmo tempo em que nos permitiria acesso a ele. (Jordão, 2006, p. 2)

Isso significa que considerar seu funcionamento apenas a partir de suas próprias regras internas, sem a necessidade de considerar o contexto social ou ideológico em que é usado, nos traz a possibilidade de isolar a língua de seu uso prático e cotidiano e olhar apenas para o sistema. Porém, se partirmos da perspectiva de que a língua é formada por relações sociais (Jordão, 2006), não é possível que separemos o falante do meio em que ele vive. As questões "quem somos, de onde viemos e para onde vamos" são importantes para a desconstrução e a interpretação do mundo (Jordão, 2006, p. 4). Logo, podemos entender que a língua é dinâmica, tanto os ambientes como as nossas experiências, alteram nossas práticas sociais e percepção de mundo. Com isso, ela condiciona nossa experiência, o modo como nos recordamos de certas palavras ou de certas estruturas e ditam quem nós somos, mas em seguida somos influenciados pelas linguagens de outros (Sarri, 2021).

Mas afinal, o que é língua? Nessa pesquisa, entenderemos língua como discurso, pois entendendo dessa maneira, reconhecemos seu caráter ideológico e sua relação com o poder, com a cultura e a produção de sentidos por meio dos gêneros discursivos (Bakhtin 2016[1952-1953]; Jordão, 2006). Para tratarmos do bilinguismo, é importante ressaltar que no estudo das diversas línguas existem termos como: língua materna (LM) ou primeira língua (L1); segunda língua (L2) e língua estrangeira (LE), que são de comum uso, mas que trazem conflito quando se trata de diferenciar o que cada um significa. Para desmistificar, Crane (2011) diz:

(...) vamos nos limitar a definir, muito sucintamente, língua materna como aquela que aprendemos no meio em que nascemos, aquela que temos como inata. Língua estrangeira, vamos pensar como sendo a língua apreendida através do ensino formal e segunda língua como a segunda língua apreendida por um indivíduo subsequentemente a sua língua materna. (Crane, 2011)

Além desses conceitos, há também a língua franca, que é uma língua “intermediária”, usada para a comunicação entre pessoas cuja L1 diverge, ou seja, pode ser a L1 de um dos interlocutores ou a L2 de ambos (Rossoni, 2023). Ela serve como um meio comum para facilitar a interação, principalmente em contextos comerciais, diplomáticos, acadêmicos e internacionais, como por exemplo o inglês ou espanhol, em alguns casos.

4. Introdução ao Bilinguismo

Embora, atualmente, por conta da imensa quantidade e facilidade de informação disponível, o bilinguismo seja frequentemente associado à globalização e às exigências de um mundo cada vez mais interconectado, é importante destacar que é um fenômeno que sempre acompanhou a história da humanidade, seja por diversidade cultural, colonização ou convivência entre diferentes grupos linguísticos. Em muitas comunidades ao redor do mundo, ser bilíngue nunca foi exceção, mas uma prática cotidiana e natural. Mas afinal, o que significa ser bilíngue? Essa é a pergunta que abriu o debate para que vários estudiosos definissem o bilinguismo de maneiras diferentes, pois assim como língua, o bilinguismo também não é um fenômeno fácil de definir. Embora seja amplamente estudado, ainda não possui uma definição única e consensual. Os estudos aos quais está relacionado trazem à tona diferentes formas de se compreender esse fenômeno, uma vez que variam de acordo com os critérios adotados. O que abordaremos neste capítulo é justamente o fato de que os conceitos emergentes vão desde definições mais amplas (como o uso de duas línguas por um mesmo indivíduo) até abordagens mais específicas que consideram fatores como a idade do desenvolvimento da segunda língua, a manutenção da língua materna, o status social das línguas envolvidas, entre outros.

4.1 Bilinguismo

Neste tópico, apresentamos uma revisão teórica sobre o bilinguismo a partir de diferentes autores, como Megale (2005). Optamos por partir especialmente dessa sistematização, por considerarmos sua abordagem bastante consistente e adequada aos objetivos desta pesquisa. A autora reúne reflexões de diferentes momentos históricos, possibilitando o acesso a uma gama de autores, o que nos permite uma compreensão ampla do fenômeno do bilinguismo, tanto em suas perspectivas estruturais quanto socioculturais. Além disso, sua revisão nos permite refletir sobre os sentidos atribuídos ao bilinguismo em diferentes contextos e como esses sentidos dialogam com as práticas educacionais contemporâneas. No entanto, a fim de acrescentar e atualizar essa revisão, outros autores serão trazidos, como Tussi e Ximenez (2022), Flory e Souza (2019), que também organizam e discutem definições clássicas e contemporâneas sobre o tema.

Levando em consideração o que já explicitamos sobre língua, linguística e linguística aplicada, e principalmente, sobre a conceitualização do bilinguismo, é importante dizer que os

critérios utilizados para defini-lo podem gerar diferentes interpretações e consequências em contextos distintos, como o educacional, o familiar ou o social. Por isso, é essencial que se especifique o tipo de bilinguismo em questão ao se produzir, divulgar ou interpretar estudos sobre o tema. Afinal, um mesmo indivíduo pode ser classificado sob diferentes perspectivas ao mesmo tempo, e sua experiência bilíngue não é estática, mas dinâmica e em constante transformação.

Tendo isso em vista, diferentes autores trazem recortes particulares dessas dimensões e, desde os primeiros estudos sobre o bilinguismo, já é possível notar uma determinada divergência no conceito dessa competência. Por exemplo, Flory e Souza (2010), destacam que Bloomfield (1933) traz uma definição bastante restritiva, segundo a qual o bilíngue seria uma pessoa que tem “controle de duas línguas semelhante ao de um nativo”, ou, dizendo de outra forma, seria como se dentro de um falante existissem dois falantes monolíngues, um para cada língua. Porém, Edwards (2006, apud Tussi e Ximenez, 2010), expõe que Weinreich, em 1953, considera que o bilíngue é aquele que usa duas línguas de maneira alternada. E também, que no mesmo ano, Haugen, traz outra teoria, a de que o bilinguismo começaria com a habilidade de produzir sentenças completas e com sentido na segunda língua. Ou seja, seria bilíngue quem produzisse enunciados apropriados em duas línguas. Com essa ideia, apenas o ato de produzir “gracias” do espanhol, “what’s your name?” do inglês, ou até mesmo um “bom dia” do português, não sendo da sua língua nativa, já poderia ser considerado bilinguismo.

Quando observamos as ideias propostas para uma definição de bilinguismo, nesse primeiro momento percebemos que, de maneira geral, as primeiras teorias buscavam limitar o bilinguismo apenas ao domínio de duas línguas de maneira equivalente, mas precisamos entender que ser bilíngue vai muito além apenas da realização de enunciados, ou controle de uma língua não nativa. O conhecimento de uma língua estrangeira é essencial? Sim, porém o ponto central, para muitos teóricos da linguagem, a ser discutido não é o quanto se conhece, mas o nível de competência linguística, afinal, um indivíduo poderia dominar uma das competências e não dominar outras. Megale (2005) destaca que, em 1967, Macnamara, propôs que um indivíduo bilíngue “é alguém que possui competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas (falar, ouvir, ler e escrever) em uma língua diferente de sua língua nativa”, o que quebra o nível restritivo das primeiras propostas e traz mais flexibilidade à discussão, pois essa teoria amplia a noção de bilinguismo para abarcar sujeitos em diferentes níveis de proficiência. É o que acontece, muitas vezes, no meio acadêmico: uma pessoa pode, por exemplo, ler e compreender um artigo em outra língua a ponto de conseguir com

tranquilidade dialogar com o texto em um trabalho, mas não conseguir interagir naquela língua.

Com o passar do tempo, as discussões sobre a conceitualização do fenômeno continuaram e, entre os dois extremos representados por Bloomfield e Macnamara, surgem definições intermediárias. Megale (2005) apresenta, por exemplo, a proposta de Titone (1972), que define o bilinguismo como “a capacidade individual de falar uma segunda língua obedecendo às estruturas desta língua e não parafraseando a primeira língua”, que abre um leque direcionado ao nível de autonomia que um indivíduo possui com relação à L2, ou seja, visa observar sua capacidade de utilizá-la de forma independente, trazendo à tona a noção de competência comunicativa, defendendo o ponto de vista de que ela mostraria que o bilinguismo vai além do vocabulário ou da tradução literal, abrangendo aspectos estruturais e funcionais da língua.

No entanto, essa definição ainda se restringe apenas ao ato de falar, não contemplando de forma explícita outras habilidades linguísticas como a leitura, a escrita e a compreensão oral, que também são fundamentais na constituição de um sujeito bilíngue. Além disso, a definição de Titone mantém o foco no indivíduo isolado, deixando de considerar aspectos sociais, culturais e contextuais que, posteriormente, se tornaram centrais nas abordagens mais recentes sobre o bilinguismo. Assim, percebe-se que, embora traga avanços em relação à rigidez das primeiras concepções, essa proposta ainda não abarca toda a complexidade do fenômeno bilíngue.

Dessa forma, podemos trazer novamente o caso de um estudante que lê e compreende um artigo estrangeiro para seus trabalhos, mas não consegue interagir na língua. Essa situação ilustra bem como o domínio de diferentes habilidades pode variar entre os bilíngues, o que nos leva a refletir: essa pessoa não tem a competência da compreensão auditiva e de expressão, mas tem a de leitura, isso a torna menos bilíngue? A resposta é não! As definições mais tardias do bilinguismo, passaram a observar e considerar as questões de variação da competência. Edwards (2006, *ibid*), nos diz que qualquer discussão que busque definir o bilinguismo precisa estar aberta também a observar as especificidades tanto do contexto quanto da finalidade.

Tussi e Ximenez (2010) dizem ainda que, em 1994, Grosjean, trouxe a definição de que bilíngue é aquele que faz o uso real de duas ou mais línguas no cotidiano; para ele, o grau de fluência ou domínio é independente. Essa perspectiva expande os conceitos já antes discutidos sobre bilinguismo, visto que, passa a reconhecer como bilíngue tanto um turista/imigrante que se comunica com dificuldade quanto um intérprete profissional que

utiliza as duas línguas com facilidade e fluidez. Quando tratado dessa forma, as várias situações podem ser vistas de acordo com as suas particularidades, pois abrange o estrangeiro que usa a segunda língua apenas em interações sociais; o cientista que lê e escreve em outro idioma, mas raramente o fala; o membro de uma comunidade linguística que utiliza a língua materna no ambiente familiar e a língua majoritária em contextos públicos; e até a pessoa surda que se comunica por Libras com outros surdos, mas recorre a gestos ao interagir com ouvintes. Em comum, todos esses indivíduos constroem suas vidas através do uso de duas ou mais línguas o que prova com clareza o caráter multifacetado desse fenômeno, mostrando que deve ser compreendido a partir da vida concreta dos falantes.

Seguindo essa linha de raciocínio, Megale (2002) diz que, ao tentar compreender o bilinguismo de maneira não restrita à fala, tanto Barker e Prys (1998) e Li Wei (2000) afirmam que o termo bilíngue, de forma geral, se refere a pessoas que utilizam duas línguas. No entanto, é importante considerar que esse grupo inclui indivíduos com variados níveis de proficiência e, em muitos casos, usuários de três, quatro ou até mais línguas.

Com isso, entendemos que o conceito de bilinguismo está diretamente ligado à proposta, ou ao contexto do que se busca investigar e afirmar com ele, utilizando sempre como parâmetro o grau ou nível de fluência do indivíduo. Para essa pesquisa, vamos nos valer das perspectivas mais atuais, visto que observaremos propostas metodológicas para o ensino bilíngue, que está atrelado não apenas ao simples conhecimento de uma língua ou capacidade linguística do falante na segunda língua, mas sim ao uso dessas línguas na rotina do estudante. Afinal, não são apenas um ou dois tempos semanais de língua estrangeira que tornarão um indivíduo bilíngue, mas a construção da experiência e aplicabilidade no cotidiano, ou melhor dizendo, envolve não só o ensino sistematizado de um novo idioma, mas a maneira como ele se insere, interage e coexiste com a língua materna na vivência escolar e social da criança.

Dessa forma, é importante entender também em que momento da vida do indivíduo bilíngue a L2 foi desenvolvida, pois, além da possibilidade de ocorrer em qualquer etapa da vida, tem relação direta com as práticas linguísticas do falante.

4.2 Desenvolvimento do sujeito bilíngue

Como já dito anteriormente, ser bilíngue não significa apenas dominar duas línguas de maneira igual, mas sim utilizar essas línguas de acordo com suas necessidades, contextos e experiências pessoais, ou seja, existem vários processos que implicam nisso. Por se tratar da maleabilidade da vida, o desenvolvimento de um sujeito bilíngue “ser bilíngue” é dinâmico e

contínuo, que está ligado a fatores individuais, sociais, culturais e educacionais que influenciam a forma como ele entra em contato com os diferentes idiomas e como esses idiomas passam a fazer parte de sua identidade, comunicação e vivência cotidiana. Assim, compreender esse desenvolvimento implica observar os caminhos variados pelos quais uma pessoa pode se tornar bilíngue, bem como os fatores que interferem nesse percurso. Quanto a isso, Megale (2005) traz alguns estudiosos, como Mackey (2000); Harmers e Blanc (2000), que defendem que para definir um indivíduo bilíngue é necessário considerar algumas questões.

Tendo em vista as definições dadas no tópico 2.1, podemos observar que o bilinguismo pode ser desenvolvido de diferentes maneiras. Mackey (2000) considera quatro pontos: grau de proficiência, função e uso das línguas, alternância de código e interferência. O primeiro está relacionado com o conhecimento que o falante tem sobre as línguas, não necessariamente de maneira equivalente; o segundo diz sobre as situações em que o indivíduo utiliza as línguas; o terceiro diz a respeito da frequência e das condições com que o indivíduo alterna de uma língua para outra; e o quarto busca entender de que maneira uma língua age sobre a outra.

Complementando essa abordagem, Harmers e Blanc (2000) propõem uma categorização ainda mais ampla ao considerar seis dimensões fundamentais para compreender um bilíngue e os diferentes tipos de bilinguismo. A começar pela **competência relativa**, a noção que nos ajuda a compreender o bilinguismo a partir da relação entre os níveis de competência nas duas línguas. Pois, quando imposto esse parâmetro, pode-se diferenciar dois tipos de bilinguismo: o balanceado e o dominante. O bilíngue balanceado é aquele que possui um nível semelhante de competência em ambas as línguas, o que não significa ser obrigatoriamente alto, mas sim equivalente. Já o bilíngue dominante, é caracterizado por um domínio maior de uma das línguas, geralmente a língua materna (L1).

A segunda questão abordada, foi a de **organização cognitiva**, que diz respeito à forma como as línguas são representadas mentalmente. Nesse contexto, diferencia-se o bilinguismo composto do coordenado. No bilinguismo composto, o indivíduo desenvolve uma única representação cognitiva para os significados nas duas línguas; já no bilinguismo coordenado, as representações são separadas, com cada idioma armazenado de maneira distinta no sistema cognitivo. Essa distinção, embora frequentemente associada à idade ou ao contexto de desenvolvimento, não depende exclusivamente desses fatores. Um mesmo indivíduo pode apresentar características de ambos os tipos, sendo mais composto para certos conceitos e mais coordenado para outros. Megale (2005) diz ainda que:

É verdade, porém, que um indivíduo que aprendeu as duas línguas quando criança no mesmo contexto, provavelmente apresenta uma única representação cognitiva para duas traduções equivalentes. Enquanto que um indivíduo que aprendeu a L2 em um contexto diferenciado da sua L1 pode apresentar representações distintas para duas traduções equivalentes. (Megale, 2005)

Em outras palavras, quando as duas línguas são desenvolvidas simultaneamente e no mesmo ambiente, como, por exemplo, em uma casa bilíngue desde a infância, é mais provável que a pessoa desenvolva uma compreensão unificada dos significados. Já quando a segunda língua é aprendida em um contexto diferente do da língua materna, como na escola ou em situações específicas, tende-se a formar representações separadas para cada idioma.

A terceira dimensão a ser considerada é o **fator idade de desenvolvimento**, aspecto de grande relevância para a compreensão do tipo de bilinguismo apresentado por um indivíduo. A depender do momento em que o contato com a segunda língua ocorre, podemos distinguir entre bilinguismo simultâneo e sucessivo. Spinassé (2006) aborda língua materna como “a língua que aprendemos primeiro em casa, através dos pais”. No caso de uma família em que os pais se comunicam em diferentes línguas com a criança ou a língua falada em casa não ser a mesma utilizada pela comunidade de fala local, considera-se que, ao não existir diferença de tempo entre a primeira exposição a cada uma delas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1, ou seja, uma criança pode desenvolver uma língua diferente da falada pelos pais, mas ambas terão valor de L1, tornando-se assim, um bilíngue de forma natural, ou como diz Almeida & Flores (2017): bilinguismo simultâneo.

Então, entendemos que: considera-se que uma criança é bilíngue simultânea quando está em contato com duas línguas desde o nascimento (Almeida & Flores 2017). Quando se trata do processo de aquisição de uma segunda L1, ou talvez de uma L2, considera-se importante o fator idade, pois Silveira e Souza relatam que:

Para alguns especialistas, o momento ideal para estudo de uma língua estrangeira é na infância já que nesta fase as crianças apresentam maior flexibilidade para compreender sons e significados novos, isso porque as crianças apresentam uma estrutura cognitiva mais flexível, com maior sensibilidade e preparação para a absorção de novos idiomas. Nessa fase é como se a cognição da criança se assemelhasse a uma massa de modelar, que pode ser moldada enquanto não atinge certo estado de enrijecimento. (Silveira; Souza, 2014).

Alguns autores, como Edwards (2006), Lenneberg (1967), Pinker (1994), se referem a esse “momento ideal” como período crítico ou sensível, ou seja, uma janela de tempo onde a aprendizagem de uma nova língua acontece de maneira mais fluída, natural e eficiente. Mas isso não significa a impossibilidade de adquirir uma segunda língua após o fechamento desse período, significa apenas que as crianças, até uma certa idade, aprenderiam uma segunda língua mais facilmente do que na adolescência ou na fase adulta (Tussi e Ximenez, 2010).

Logo, quando a adesão da L2 é feita após o fechamento desse período, que alguns acreditam ser após os 6 anos, temos o bilinguismo sucessivo ou sequencial. A depender da idade em que o indivíduo seja exposto a outra língua, o que muda no processo de desenvolvimento é o grau de dificuldade, ou melhor dizendo, o processo que aconteceria de maneira inconsciente durante o período crítico, tende a ser mais lento e a exigir um esforço consciente maior, muitas vezes com menores chances de alcançar uma fluência considerada nativa.

Levando isso em consideração, é importante destacar a influência do fator idade no desenvolvimento linguístico. Ao se levantar a hipótese de que a plasticidade do cérebro se altera com o tempo, surge a pergunta: a partir de qual momento da infância a aquisição deixa de ocorrer de forma semelhante àquele que acontece desde o nascimento? É essa mudança que permite classificar uma língua como materna (L1) e considerar qualquer outra, aprendida posteriormente, como segunda língua (L2), o que nos possibilita entender a diferença entre o bilinguismo sucessivo e o simultâneo.

Almeida e Flores (2017) relatam que, para fazer essa diferenciação, é preciso que se entenda em qual etapa de desenvolvimento linguístico o indivíduo se encontra, ou seja, se as duas línguas estão realmente se desenvolvendo juntas, se no percurso de aquisição uma língua apresenta mais variação que a outra, se o ritmo do aprendizado é o mesmo e a frequência com que ocorre translinguismo. Observar essas questões, faz com que entendamos, que, mesmo sendo criança, quando já possui uma base linguística estruturada em sua primeira língua (L1), e o desenvolvimento da segunda língua (L2) acontece de forma mais comparativa, muitas vezes marcada por interferências, influências ou transferências entre os sistemas linguísticos. No entanto, Almeida e Flores, dizem ainda que:

(...) a ressaltar que crianças 2L1 e crianças L2 poderão não apresentar diferenças quanto ao estágio final de aquisição, isto é, bilíngues sucessivos poderão apresentar um percurso de aquisição diferente de bilíngues simultâneos, mas atingir uma competência final muito semelhante. (Almeida e Flores, 2017)

Ou seja, embora a trajetória de aprendizagem possa variar conforme a idade de desenvolvimento e o contexto, a competência final adquirida nas duas línguas pode ser comparável. Essa perspectiva reforça a ideia de que a experiência linguística é multifacetada e não se limita a uma linha cronológica. Assim, ao considerar a trajetória individual de cada bilíngue, compreende-se que o contexto de uso, a motivação e o contato contínuo com as línguas também influenciam significativamente o desenvolvimento da competência.

Por conta disso, a quarta questão exposta por Hamers e Blanc (2000) é a da **presença ou ausência de falantes da L2 no ambiente**. Como já foi discutido, o fato de existir ou não falantes no contexto social de uma criança em processo de desenvolvimento linguístico é fundamental para compreendermos a origem das línguas em seu repertório, o que nos leva à distinção entre bilinguismo endógeno e exógeno. Quando o bilinguismo é categorizado dessa forma, considera-se se as línguas fazem parte do ambiente familiar e comunitário do falante (endógeno) ou se são introduzidas posteriormente por influências externas, como a escola ou os meios de comunicação (exógeno).

Essa distinção não apenas ajuda a compreender os caminhos de aquisição das línguas, mas também aponta para diferentes necessidades pedagógicas e sociais. No caso do bilinguismo endógeno, o uso das línguas tende a estar mais integrado à vida cotidiana, o que favorece uma exposição mais natural e constante. Já no bilinguismo exógeno, o contato com a segunda língua pode depender de contextos formais e planejados, o que muitas vezes exige estratégias específicas de ensino e manutenção da proficiência. Dessa forma, podemos observar de quais maneiras pode ser feita a elaboração de práticas educacionais e políticas linguísticas mais eficazes e inclusivas.

Hamers e Blanc (2000) abordam também, como quinta questão, o fator de **status das duas línguas** envolvidas, que, ainda que muitas vezes não considerado, se torna um fator decisivo na construção da competência bilíngue. Isso porque a valorização, ou não, de uma das línguas pode impactar profundamente tanto o processo de aquisição quanto o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança, fazendo com que o bilinguismo se desenvolva de maneiras diferentes. Megale (2005), evidencia que essa questão traz também dois tipos de bilinguismo: o aditivo e o subtrativo. O bilinguismo aditivo, ocorre quando ambas as línguas são igualmente valorizadas pela comunidade e estimuladas de forma equilibrada, ou seja, onde é promovida uma situação na qual o aprendizado da segunda língua não compromete a primeira, e ambas conseguem coexistir de forma positiva no repertório do falante.

Por outro lado, quando tratamos o bilinguismo subtrativo, L1 é desvalorizada no ambiente infantil, e por ser marginalizada ou tida como “inferior” no ambiente social e escolar, seu uso tende a ser reprimido, e o sujeito pode acabar substituindo-a pela L2, geralmente vista como mais prestigiosa. O que, por consequência, pode acarretar perdas cognitivas e afetivas ligadas à língua de origem, afetando também a identidade do falante e sua relação com o próprio repertório linguístico. Isso nos leva ao próximo, e último, ponto abordado, a **identidade cultural**.

A construção identitária de um falante é um aspecto fundamental para compreender as implicações sociais e subjetivas não apenas no desenvolvimento da linguagem, mas também no processo de desenvolvimento desse falante como bilíngue. Megale (2005) destaca que é possível categorizar os sujeitos bilíngues com base no grau de identificação cultural que desenvolvem ao longo desse processo, sendo demarcado pelo sentimento de pertença ou não aos grupos culturais. Dito isso, temos nesse tópico quatro tipos de bilinguismo: podendo ser bilíngues biculturais, monoculturais, aculturais e desculturais.

Começando com os que possuem identificação, temos o bilinguismo bicultural e o monocultural. O bilinguismo bicultural representa a forma mais equilibrada, na qual o indivíduo se reconhece e é reconhecido por ambos os grupos culturais associados às línguas que domina. E no bilinguismo monocultural, o falante, apesar de bilíngue, mantém vínculo identitário apenas com um dos grupos, ou seja, se identifica e é reconhecido culturalmente apenas por um dos grupos em questão, o que mostra que a fluência linguística não implica, necessariamente, pertencimento cultural duplo.

Já nos casos em que a identidade cultural é marcada por tensão ou apagamento, temos o bilinguismo acultural e o descultural. O bilíngue acultural é aquele que abandona sua cultura de origem ao assimilar os valores do grupo da L2; já o descultural encontra-se em situação de vulnerabilidade ainda maior, por não conseguir manter vínculos com nenhuma das duas culturas.

Ao explorarmos os seis eixos propostos por Hamers e Blanc (2000, apud Megale, 2005), podemos confirmar que o bilinguismo vai além de competência linguística. As competências, claro, devem ser consideradas, mas reduzir o ser bilíngue apenas a falar duas línguas se torna inviável quando se percebe que os aspectos comentados influenciam diretamente as formas como esse fenômeno se manifesta. Afinal, essas variáveis também mostram a importância de se considerar as dimensões sociais e afetivas envolvidas. No próximo tópico, observaremos como as questões trazidas por Hamers e Blanc (2000) se

manifestam especialmente no contexto educacional, onde muitas vezes se busca promover o ensino bilíngue sem levar em conta as complexidades que o envolvem.

5. Bilinguismo na Educação

Assim como no capítulo anterior, também nos utilizaremos da revisão teórica de Megale (2005), pois, como já dito, além de possuir consistência teórica, nos põe em contato direto com autores de outros momentos históricos e nos permite ampliar nossa compreensão do campo de estudos. No entanto, para atualizá-la, outros autores serão trazidos, como Libâneo (2012), Sarri (2021), Höfling (2001), De Castilho (2001), Passoni e Luz (2016), Hamel (2016), Lima et al. (2010), Cristofoli (2012), Almeida e Flores (2017) entre outros. Assim, ao longo deste capítulo, retomamos essas reflexões, citando os autores clássicos quando necessário, mas sempre com base nos textos que de fato acessamos diretamente.

Sendo assim, quando começamos a pesquisar e refletir sobre educação bilíngue, de maneira geral, se não somos direcionados a ideias estáticas de escolas que implementaram ao menos um tempo de língua estrangeira em seu currículo, somos encaminhados a ideias mais amplas que, assim como o conceito, dependem do país e do contexto em que são aplicadas, sendo influenciadas por aspectos étnicos, pelas concepções dos educadores e legisladores, além de fatores sociopolíticos. Como, por exemplo, quando Megale (2005) recupera as reflexões de Mackey (1972), que traz uma perspectiva sociolinguística e se propõe a classificar os programas educacionais bilíngues em uma tipologia complexa, que inclui desde o ensino exclusivamente na língua da minoria, passando por modelos bilíngues equilibrados, até o ensino centrado unicamente na língua da maioria, trazendo as seguintes situações:

Escolas no Reino Unido nas quais metade das matérias escolares é ensinada em inglês são denominadas escolas bilíngües. Escolas no Canadá em que todas as matérias são ensinadas em inglês para crianças franco-canadenses são denominadas bilíngües. Escolas na União Soviética em que todas as matérias exceto o Russo são ensinadas em inglês são escolas bilíngües, assim como escolas nas quais algumas matérias são ensinadas em georgiano e o restante em russo. Escolas nos Estados Unidos nas quais o inglês é ensinado como segunda língua são chamadas escolas bilíngües, assim como escolas paroquiais e até mesmo escolas étnicas de final de semana... [Conseqüentemente] o conceito de escola bilíngüe tem sido utilizado sem qualificação para cobrir tamanha variedade de usos de duas línguas na educação. (Mackey, 1972, apud Megale, 2005)

Antes de contemplarmos como o cenário brasileiro se encaixaria com relação aos programas e propostas educacionais bilíngues, é importante pensarmos também, nos três

fatores de classificação de educação bilíngue de Fishman e Lovas (1970): intensidade, objetivo e status.

A intensidade, se refere à quantidade de exposição a cada língua, podendo classificar o programa bilíngue de quatro maneiras: (1) bilinguismo transicional, (2) bilinguismo mono-letrado, (3) bilinguismo parcial bi-letrado, (4) bilinguismo total bi-letrado.

1- O bilinguismo transicional é um modelo em que a língua materna da criança é usada apenas temporariamente, como um apoio, até que ela aprenda a língua dominante, ou seja, utiliza a L1 como uma maneira de transicionar para a L2, tratando a L1 apenas como um veículo/ponte. Como, por exemplo, programas voltados a imigrantes em que a língua de herança é usada apenas nos primeiros anos.

2- No bilinguismo mono-letrado, as duas línguas são utilizadas em todas as atividades na escola, mas a alfabetização ocorre apenas na L2, ou seja, a L1 permanece restrita à oralidade. Seria quando o ensino é inteiramente em espanhol, e o português é falado em casa, mas não trabalhado ou na escola, como por exemplo o português uruguaio.

3- O bilinguismo parcial bi-letrado, é o modelo utilizado quando, durante o ensino, as duas línguas são utilizadas tanto oralmente quanto por escrito, mas apenas em matérias selecionadas, por exemplo: a L1 utilizada em matérias culturais e L2 nas demais matérias. Isso ocorre, por exemplo, em escolas que ensinam algumas disciplinas em português e outras em inglês, mas priorizam provas e avaliações na L2.

4- E, por fim, o modelo de bilinguismo total bi-letrado, que é quando são desenvolvidas todas as habilidades e todos os domínios nas duas línguas. É o caso de escolas que adotam currículos integrais e equivalentes em L1 e L2, com disciplinas, avaliações e projetos em ambas.

E, conforme o objetivo da educação bilíngue, pode também ser classificada em três tipos de programa diferentes: o compensatório, que prioriza o ensino na língua materna para facilitar a integração escolar; o de enriquecimento, que desenvolve as duas línguas desde a alfabetização e as utiliza no ensino de conteúdos; e o de manutenção, que valoriza e preserva a língua e a cultura de grupos minoritários.

Seguindo o último dos três fatores de classificação, temos o status, que assim como influencia na classificação de um “ser bilíngue”, também intervém nos programas de educação bilíngue e em como serão aplicados. Desta maneira, esse tópico se desdobra em quatro dimensões que ajudam a compreender as desigualdades linguísticas que muitas vezes estão presentes nas práticas educacionais. A primeira delas é língua de importância primária versus a língua de importância secundária na educação, onde uma língua é tratada como central no processo de ensino (geralmente a língua oficial) e outra é vista apenas como complementar, como ocorre em escolas públicas e privadas, onde o português é promovido como língua principal e obrigatória e o inglês/espanhol, ainda como uma maneira de prestígio, cumpre uma função curricular obrigatória.

A segunda dimensão diz respeito à língua de casa versus língua da escola, como no caso de crianças indígenas que se comunicam em suas línguas nativas com a família, mas enfrentam rupturas ao serem inseridas em instituições que utilizam exclusivamente o português, sem qualquer mediação intercultural. Já a terceira, aborda os casos de relação de língua mais importante no mundo versus língua de menor importância, refletindo-se em escolas que priorizam o ensino do inglês desde a infância, mas desconsideram línguas presentes na realidade local, como o espanhol ou o guarani em regiões de fronteira.

E, por fim, a última das dimensões, traz as questões de língua institucionalizada versus língua não institucionalizada na comunidade, pois é importante ressaltar que línguas como o português, que é institucionalizado, estão amplamente respaldadas por políticas públicas e documentos oficiais, enquanto diversas línguas indígenas, não institucionalizadas, apesar de amplamente utilizadas por determinadas comunidades, ainda são frequentemente excluídas dos currículos escolares.

Observar essas dimensões analíticas nos mostra um movimento de internacionalização da educação, o que favorece o nosso estudo, visto que contribui para a valorização de propostas bilíngues em diversos contextos nacionais, inclusive no Brasil. Esse movimento, conforme destaca Libâneo (2012), está vinculado à lógica da economia global e à necessidade de preparar sujeitos para interações multilíngues e multiculturais. Nesse cenário, o bilinguismo se torna não apenas uma estratégia pedagógica, mas também uma resposta política e econômica às exigências da contemporaneidade. Desta maneira, se formos encaixar a educação bilíngue brasileira em algum desses critérios, devemos considerar também as políticas que a envolvem.

5.1 - Políticas linguísticas e educacionais

Considerar os aspectos de classificação nos direciona a pensar em como seria a classificação da educação bilíngue brasileira. Mas, para isso, é necessário que, antes, se discutam questões políticas. Conforme Höfling (2001, p. 31), as políticas públicas podem ser compreendidas como o "Estado em ação", ou seja, a materialização da responsabilidade estatal na implementação e manutenção de decisões que envolvem órgãos públicos, diferentes organismos e agentes da sociedade. Essa perspectiva ressalta que, embora as políticas sejam formuladas e executadas pelo governo, elas são o resultado de um complexo processo de tomada de decisões que reflete os conflitos de interesses e os arranjos de poder presentes na sociedade (HÖFLING, 2001).

Nesse contexto, Sarri (2021) comenta que as políticas costumam ser de caráter governamental, e que são elaboradas por um grupo seleto de representantes do poder estatal, o que, por sua vez, faz com que apenas o Estado possa realizá-las na prática. De maneira geral, política é o conjunto de ações, diretrizes e decisões que refletem os interesses e estruturas de poder presentes na sociedade. Essas decisões podem ser mais democráticas, quando envolvem a participação de diferentes agentes sociais, como os agentes pedagógicos, ou mais autoritárias, quando impõem vontades de um grupo específico sobre os demais.

Höfling (2001) ainda destaca que, ao assumir o papel de Estado, um governo formula programas e projetos que buscam orientar a gestão da sociedade. Isso inclui a elaboração de políticas públicas, voltadas à organização de setores específicos como educação, saúde ou cultura; e políticas sociais, que têm como foco a redução das desigualdades estruturais.

Quando falamos de política linguística e política educacional, nos referimos ao fato de que essas diretrizes e decisões envolvem e influenciam diretamente tanto na gestão das línguas em uma sociedade, quanto no modo de formação dos futuros cidadãos. De Castilho (2001) define que “política linguística” pode ser compreendida como uma “sociolinguística intervencionista”, ou seja, define qual modo de falar é considerado correto ou aceito socialmente. Apesar disso, é importante também diferenciar Política Linguística de Planejamento Linguístico. Como destacam Passoni e Luz (2016), enquanto a política linguística representa o conjunto de relações de poder que moldam o status das línguas em uma sociedade, o planejamento linguístico diz respeito à operacionalização dessas decisões, ou melhor, à ação concreta que resulta das diretrizes políticas.

Com base na discussão de Hamel (2016), Sarri (2021) diz que a política linguística abrange três áreas: política externa, política interna e o ensino de línguas. A primeira diz respeito ao uso, papel e funções de cada língua em uma sociedade; a segunda está relacionada com a criação de instrumentos linguísticos, como gramáticas e dicionários; e a terceira tem foco em planos, métodos e decisões sobre como as línguas devem ser ensinadas, sempre em diálogo com as escolhas feitas nas outras duas esferas.

Ao trazermos o âmbito educacional a essa discussão, entende-se que é necessário compreender que a política educacional, assim como a linguística, também reflete disputas de poder e ideologias sobre o que deve ser ensinado e aprendido. Nesse sentido, Lima et al. (2010) afirmam que a política educacional é composta por ações, programas, projetos e legislações que organizam o campo da educação, estando sempre ancorada em determinada visão de sociedade e de sujeito. Ou seja, não se trata apenas de decisões técnicas, mas de escolhas intencionais que moldam o tipo de cidadão que se deseja formar. E, Cristofoli (2012), reforça essa ideia ao afirmar que a educação é uma política pública estratégica, cuja materialização ocorre por meio de diferentes atores sociais, formais ou informais, e se expressa, por exemplo, na elaboração de currículos.

O que nos leva a pensar em como a educação bilíngue brasileira está sendo proposta, quais fatores influenciam no planejamento dos currículos escolares, quais diretrizes são seguidas e, principalmente, como as políticas linguísticas e educacionais se articulam em meio a isso tudo. Essas reflexões nos direcionam à análise dos documentos normativos e orientadores que regulam a implementação da educação bilíngue no Brasil, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o Plano Nacional de Educação (PNE), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), entre outros.

5.2 - Diretrizes e Bases Educacionais

Com o mundo cada dia mais globalizado, vêm crescendo também as discussões sobre as supostas necessidades de domínio em línguas adicionais, sendo associadas a oportunidades acadêmicas, culturais e profissionais. No Brasil, esse debate, em conjunto com a valorização desse argumento, reflete em discursos e políticas educacionais, visto que não só os documentos que regem a educação, mas também as plataformas que propõem a educação bilíngue, sofrem um impacto direto com o processo de internacionalização.

Dito isso, ao tratarmos do ensino de línguas estrangeiras (LE), é preciso que, como já foi exposto, não tratemos apenas como algo técnico ou neutro, pois está claramente envolvido

nas relações de poder, disputas culturais e escolhas políticas. E é nesse ponto que estão inseridas as diretrizes educacionais. Ao observarmos os documentos orientadores das políticas educacionais brasileiras, percebemos que o ensino bilíngue é tratado ou de forma pontual, ou de maneira bem limitada.

O PNE (instituído pela Lei nº 13.005/2014), por exemplo, ao estabelecer diretrizes para a promoção da equidade e respeito à diversidade, menciona a necessidade de considerar as especificidades das comunidades indígenas, quilombolas e do campo, assegurando a diversidade cultural e linguística (Brasil, 2014), mas, não faz menção à educação bilíngue em contextos mais amplos, como o da educação infantil em escolas urbanas, bilíngues ou internacionais.

Já na LDB (Lei nº 9.394/1996), o ensino bilíngue para inclusão de surdos e povos indígenas é mais evidente. No entanto, ao tratar do ensino de línguas estrangeiras, é abordado, mas de maneira restrita ao Ensino Médio. A redação atual do § 3º do Art. 35-D, estabelece que “os currículos do ensino médio poderão ofertar outras línguas estrangeiras, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino” (Brasil, 1996). Essa formulação foi incluída pela Lei nº 14.945 após a atualização do documento em 31 de julho de 2024, que entrou em vigor em 2025. Reforçando a ausência de uma política linguística mais abrangente que inclua as etapas iniciais da educação básica, especialmente no que diz respeito ao ensino bilíngue desde os primeiros anos escolares.

Nesse sentido, é de extrema importância destacar as contribuições do Conselho Nacional de Educação (CNE), que busca justamente regulamentar práticas ainda não contempladas de forma explícita nas legislações anteriores, como por exemplo, o Parecer CNE/CEB nº 2/2020, que apresenta uma tentativa mais sistemática de definir e organizar a educação bilíngue no Brasil de maneira mais extensiva e inclusiva.

Se no passado trilhamos percursos sombreados pelo silenciamento de línguas e culturas, buscando a exclusividade da língua portuguesa, já é tempo de rumarmos na direção de políticas educacionais de valorização, respeito e congraçamento da diversidade cultural e linguística do Brasil – que contempla centenas de línguas indígenas, pelo menos 30 de comunidades descendentes de imigrantes e as práticas linguísticas tradicionais das comunidades afro-brasileiras, em especial as quilombolas. (Brasil, 2020)

Assim, o CNE busca estabelecer parâmetros para a compreensão do que constitui a educação bilíngue no país, distinguindo, por exemplo, a educação bilíngue de comunidades indígenas, a educação bilíngue de surdos e os programas bilíngues voltados à população em geral. E, dessa forma, o documento nos permite observar como o bilinguismo passa a ser efetivamente vinculado ao campo educacional, especialmente na implementação de escolas bilíngues, principalmente porque o Parecer apresenta diretrizes sobre a organização curricular e a carga horária mínima necessária para que um programa seja considerado bilíngue, elementos que se mostram essenciais para analisar criticamente as propostas de ensino apresentadas por escolas e plataformas digitais.

O que, por consequência, nos permite verificar as diferentes propostas e práticas pedagógicas, inclusive aquelas mediadas por plataformas digitais, que se apresentam como alternativas ou complementos ao ensino formal. Nesse ponto, é importante ressaltar que a iniciativa desse documento ter sido desenvolvido tem um caráter expressamente mercadológico, trazendo a expansão da procura pelo ensino bilíngue como um dos principais fatores de sua criação.

Nesse contexto, observa-se também a crescente mercantilização da linguagem, em que o domínio de uma segunda língua, passa a ser vendido como uma vantagem competitiva e símbolo de status social. Del Valle e Gabriel-Stheeman (2004) discutem como essa mercantilização transforma a língua em um produto que, além de facilitar a inserção no mercado de trabalho, também se torna um marcador de prestígio social, refletindo as desigualdades existentes na sociedade. O bilinguismo, assim, deixa de ser compreendido como um fenômeno sociocultural complexo e passa a ser tratado como produto, embalado por discursos de sucesso, produtividade e acesso a oportunidades no mercado global. Tal perspectiva pode invisibilizar os aspectos identitários, afetivos e comunitários do uso das línguas.

Com isso, faz-se importante também resgatar o conceito de língua como capital simbólico. Ao ser associado a discursos de sucesso e acesso a oportunidades, o bilinguismo transcende sua função comunicativa e se estabelece como um ativo socialmente valorizado. A posse dessa 'competência linguística ampliada' (Bourdieu, 1977), especialmente em línguas de prestígio global como o inglês e o espanhol, não apenas abre portas no mercado de trabalho, mas também eleva o status social do falante, conferindo-lhe reconhecimento e autoridade em diversos campos.

Seguindo esse raciocínio, a discussão de Sarri (2021) traz à tona que, até mesmo no planejamento dos currículos escolares, existem pressões externas motivadas por acordos de

cooperação e de agências internacionais que formulam recomendações sobre políticas públicas para países emergentes. Enfatiza também que, no Brasil, muitas das diretrizes educacionais nacionais têm como base um documento externo que tem como escritores órgãos com interesses econômicos. Logo, não visa trazer uma perspectiva ampliada e focada na situação de cada país, ou de cada escola, mas “considera apenas as necessidades mínimas, e visa melhoria e avaliação dos resultados de rendimento escolar, a partir de melhoria das condições internas da instituição escolar, e não das condições de aprendizagem” (Sarri, 2021).

Dessa forma, segundo Torres (2001), houve um esvaziamento do conteúdo pedagógico em um documento que propunha educação para todos. Esse esvaziamento resulta em uma educação desprovida de princípios pedagógicos, pautada por práticas autoritárias e voltada prioritariamente para interesses econômicos, em detrimento dos aspectos culturais e sociais.

O Parecer faz um bom trabalho ao mostrar as características específicas de aprendizagem de bilíngues e de defender o foco de ensino-aprendizagem nos conteúdos e contextos em vez do foco no ensino de língua adicional. No entanto, reforça a formação bilíngue com intenções para o mercado, sem considerar a formação cidadã e nem o fato de que a educação bilíngue “ilumina” as culturas. Assim, não há defesa da educação crítica. (Sarri, 2021)

Ou seja, embora o Parecer CNE/CEB nº 2/2020 traga avanços importantes ao tentar organizar e definir a educação bilíngue no Brasil, ele ainda apresenta algumas lacunas significativas que precisam ser abordadas para garantir uma educação bilíngue eficaz. Como, por exemplo, a ausência de diretrizes específicas para a educação infantil bilíngue. Esse fator se torna preocupante, quando, ainda em acordo com a LDB, o parecer afirma que o ensino fundamental regular deve ser ministrado apenas em língua portuguesa.

Megale (2019) ressalta que o ensino de uma língua adicional deve contribuir para a formação de um cidadão capaz de atuar em contextos marcados pela superdiversidade, promovendo uma reflexão crítica sobre seu papel na sociedade e sobre as diferenças culturais e sociais que emergem no contato entre culturas distintas. Nesse sentido, ao restringir-se majoritariamente à formação voltada para o mercado de trabalho, o Parecer acaba desconsiderando um dos principais compromissos da escola e da educação bilíngue: a formação integral e cidadã dos sujeitos.

Com isso, entendemos que a linguagem é também uma forma de expressão, interação e construção de sentido que abre caminhos. Quando falamos da linguagem na infância, é importante lembrar que a forma como a criança se comunica e percebe o mundo é diferente da

dos adultos, justamente porque sua compreensão da vida, das relações e do ambiente ao seu redor ainda está em formação. Essa singularidade nos leva a refletir sobre o papel da linguagem nesse processo, especialmente quando inserimos o bilinguismo na discussão. Embora o ensino de uma língua adicional esteja muitas vezes associado à escola e aos processos formais de ensino, os estudos e concepções sobre o bilinguismo surgem muito antes da consolidação da própria ideia de uma educação estruturada para a infância. Paschoal e Machado (2012), dizem que:

Do ponto de vista histórico, a educação da criança esteve sob a responsabilidade exclusiva da família durante séculos, porque era no convívio com os adultos e outras crianças que ela participava das tradições e aprendia as normas e regras da sua cultura. Na sociedade contemporânea, por sua vez, a criança tem a oportunidade de frequentar um ambiente de socialização, convivendo e aprendendo sobre sua cultura mediante diferentes interações com seus pares. (Paschoal e Machado, 2012)

Vale ressaltar, que, como já citado, as primeiras concepções de bilinguismo surgiram por volta da década de 30. No entanto, Soares (2023) diz que os primeiros vestígios de ensino bilíngue surgiram nos EUA, como uma proposta de ensinar pessoas surdas a se comunicar através de sinais, e no Brasil, esse modelo chegou apenas na década de 90. Foi apenas em dezembro de 1996 que foi sancionada a LDB da educação brasileira, que, insistiu na obrigação do Estado implementar a educação infantil como parte da educação básica, assim como o fundamental e o ensino médio.

A partir disso, visando potencializar o aprendizado e o desenvolvimento nessa etapa da vida, a BNCC propõe que a “prática do diálogo e o compartilhamento de responsabilidades entre a instituição de Educação Infantil e a família são essenciais.” Abrangendo também a diversidade cultural tanto das famílias como das comunidades (Brasil, 2018). Nesse sentido, a base também reconhece a criança como sujeito de direitos, capaz de se expressar, interagir e construir significados a partir de diferentes linguagens.

E, por conta disso, ao tratar da Educação Infantil, traz também os seis **direitos de aprendizagem e desenvolvimento**, que são eles: Conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Esses seis fatores ajudam com que a criança aprenda em situações nas quais possa ter um papel ativo, onde a curiosidade e a criatividade sejam instigadas, com o fim de que haja o desenvolvimento natural e espontâneo.

Dessa forma, a Educação Infantil deve garantir o cumprimento desses direitos, logo, é fundamental que o ensino bilíngue, quando aplicado nessa etapa, também se comprometa com esses princípios. Isso evidencia, ainda mais, a importância da elaboração de diretrizes

específicas para o ensino bilíngue na Educação Infantil, especialmente se considerado que já existem bases concretas que contemplam o ensino para a especificidade da fase da vida e valorizam a diversidade cultural desde os primeiros anos de escolarização.

Discutimos a educação infantil, justamente por ser o período em que a língua pode ser adquirida de maneira potencialmente mais eficaz, devido à maleabilidade do cérebro das crianças. No entanto, entre as lacunas ainda presentes nesse documento, destacam-se também algumas superficialidades, como quando trata da educação pública, que só foi mencionada duas vezes quando se trata da elaboração de um plano de ação, ou quando demonstra ausência de um plano de monitoramento e avaliação, que dificulta a implementação eficaz e a adaptação das práticas pedagógicas às necessidades dos alunos; entre outros. Porém, o que ganhará um destaque maior nesse momento é a ausência de critérios concretos para implementação, visto que essa brecha no parecer abre a possibilidade de interpretações variadas sobre o que constitui um programa bilíngue, resultando em práticas muitas vezes inconsistentes.

Diante desse cenário, é fundamental analisar como sites e plataformas de ensino bilíngue se posicionam: quais discursos constroem sobre o bilinguismo, quais promessas fazem, e de que maneira representam o ensino de línguas como algo pedagógico, cultural ou puramente comercial, que é o que veremos no próximo capítulo.

6. Análise de Sites e Propostas Educacionais

Para essa etapa da pesquisa, devemos considerar também tudo que já foi discutido até aqui. Logo, para que essa análise fosse feita, foram selecionados, como já mencionado anteriormente, oito eixos temáticos, visando identificar diferentes camadas do discurso, sendo eles: (a) definição de “educação bilíngue”; (b) o tom predominante do discurso (comercial, técnico, pedagógico); (c) as imagens e representações visuais utilizadas; (d) a presença ou ausência de referência a documentos oficiais ou políticas públicas; (e) as vantagens atribuídas ao bilinguismo; (f) a visão de língua expressa (como produto, direito ou identidade); (g) a atenção (ou não) a aspectos sociais e culturais. Para facilitar a visualização dos aspectos analisados, apresenta-se a seguir uma tabela que reúne os principais elementos discursivos e estruturais encontrados:

Tabela 2- Aspectos discursivos

Critério	Edify Education	Faculdade Unyleya	Conexia Educação
Definição de educação bilíngue	Funcional, com foco em mercado e benefícios cognitivos/culturais.	Técnica e legal, vinculada às exigências do Parecer CNE/CEB nº 2/2020.	Operacional e instrumental, atrelada à inovação e performance escolar.
Tom do discurso	Comercial com apelo pedagógico; linguagem acessível.	Técnico e institucional; foco em profissionalização.	Estratégico e institucional; foco em inovação e gestão.
Imagens e recursos visuais	Crianças felizes, diversidade superficial, estética moderna.	Profissionais em ambiente acadêmico; estética séria, quase não há imagens.	Imagens de escola moderna e multicultural; foco na infraestrutura.

Menção a documentos oficiais	Cita a BNCC e o Parecer CNE/CEB nº 2/2020 de forma superficial.	Cita o Parecer CNE/CEB nº 2/2020 com profundidade e requisitos legais.	Apenas menciona dados do MEC, sem referência crítica à legislação.
Vantagens destacadas	Benefícios cognitivos, culturais e de inserção global.	Qualificação profissional, empregabilidade e adequação legal.	Modernização institucional, excelência acadêmica, destaque no mercado.
Visão de língua	Produto simbólico e diferencial competitivo.	Objeto técnico de ensino/formação.	Recurso de valorização institucional.
Questões sociais e culturais	Ausentes; não aborda pluralidade linguística.	Ausentes; discurso tecnicista e voltado ao mercado.	Ausentes; bilinguismo tratado como serviço de elite.

E, além desses pontos, é importante considerar também aspectos como: metodologia de ensino proposta; acessibilidade de conteúdos; propostas quando se trata da formação de professores; o uso de recursos digitais e a coerência com os objetivos educacionais bilíngues. Também foi levada em conta a consistência pedagógica percebida e a adaptação às particularidades do contexto brasileiro, reconhecendo que o bilinguismo no Brasil assume características próprias, marcadas por desigualdades, pluralidade linguística e desafios de implementação.

Apresentadas brevemente as plataformas, optamos pela escolha da Edify Education para uma análise mais detalhada, não só por nos apresentar uma abordagem comercial-pedagógica da educação bilíngue, na qual o bilinguismo é apresentado como um produto diferencial competitivo e instrumento de inserção internacional, mas também por se destacar como uma das propostas mais consolidadas e visíveis no cenário da educação bilíngue no Brasil. Tanto sua proposta pedagógica quanto a forma como se comunica com o público oferecem elementos importantes para pensar sobre como o bilinguismo vem sendo apresentado no contexto escolar privado. Diante disso, destaca-se que a escolha da plataforma também considerou o fato de que, embora todas as três selecionadas apresentem um discurso centrado na implementação da língua inglesa, apenas a Edify faz menção, ainda que pontual, à possibilidade de bilinguismo em outro idioma:

Em um mundo que se torna cada vez mais globalizado, ser bilíngue é uma vantagem significativa. A exposição a diferentes expressões linguísticas e culturais se torna uma parte integral da vida cotidiana. Não se limita apenas ao domínio do inglês, mas estende-se a outras línguas igualmente importantes em um contexto global, como o espanhol, o francês, o mandarim e muitas outras. Isso torna os indivíduos bilíngues mais adaptáveis e versáteis em suas interações com pessoas de diferentes origens e culturas. (Edify Education, 2023)

Como referencial teórico adicional, adotam-se os quatro modelos de educação bilíngue descritos por Almeida e Flores (2017), que também já citamos aqui: (1) bilinguismo transicional, (2) bilinguismo mono-letrado, (3) bilinguismo parcial bi-letrado e (4) bilinguismo total bi-letrado. Que nos possibilitam compreender de maneira mais precisa o grau de letramento e a intenção educativa por trás das propostas analisadas. A seguir, serão discutidos os principais aspectos observados na plataforma Edify, com base nas categorias definidas nesta pesquisa.

6.1- Análise da Plataforma Edify Education

A Edify Education² é uma plataforma educacional voltada para a implementação de programas bilíngues em escolas privadas do Brasil. Na aba “quem somos”, diz que está implantada atualmente em 400 escolas. Seu conteúdo, disponível no site institucional e no blog, é direcionado principalmente a gestores escolares. Em seu discurso, há uma tentativa clara de dialogar com quem toma decisões estratégicas e financeiras nas escolas, porém, ao

²- página inicial- [Edify Education | Programa Bilíngue para sua Escola](#)

entrar na aba direcionada ao bilinguismo,³ traz informações também a professores e famílias que buscam compreender e adotar o modelo bilíngue.

E, de acordo com a ADD, pudemos observar que nesta plataforma, os enunciados se estruturam dentro do gênero discursivo institucional-publicitário, voltado à promoção de um serviço educacional. Ou seja, são compostos por signos ideológicos que articulam linguagem acessível, tom motivacional e imagens estrategicamente escolhidas para criar uma ideia de excelência e inovação.

Esse tipo de organização dos enunciados corresponde ao que a ADD reconhece como gênero discursivo, uma forma relativamente estável de enunciação, que mobiliza linguagem, imagens e estratégias reconhecíveis para atingir um objetivo específico (Sobral; Giacomelli, 2016). No caso da Edify, o gênero do discurso é fortemente influenciado por práticas de marketing educacional, o que justifica o uso de imperativos, dados alarmantes e imagens positivas como forma de persuasão.

Sendo assim, começamos a pensar nossa análise a partir do terceiro parâmetro de classificação, o status (Fishman e Lovas, 1970 apud Almeida e Flores, 2017). A Edify apresenta uma relação assimétrica entre os idiomas, aproximando-se do cenário em que há uma língua de importância primária (L1 - português), tratada como naturalizada e estruturante, e uma língua de importância secundária (L2 - inglês), promovida como diferencial competitivo e de prestígio, mas ainda com função curricular e mercadológica. Como podemos ver na seguinte imagem:

³- [Ensino Bilíngue: Absolutamente Tudo o que Você Precisa Saber!](#)

Imagem 1 - página inicial Edify

Apenas 5% dos brasileiros falam inglês. No Edify, queremos mudar essa realidade e a sua escola pode fazer parte disso! Vem com a gente?

Somos o Edify Education e existimos para impulsionar toda a comunidade de educação em inglês. Nosso portfólio conta com diferentes opções de **programa bilíngue** para garantir o melhor ensino de inglês dentro da sua escola. Também oferecemos **projetos complementares**, como o Book Lab, que reforçam o aprendizado da língua inglesa por meio de experiências verdadeiramente imersivas. A nossa **editora**, por sua vez, é responsável pela criação de todo o material didático utilizado em nossas mais de 400 escolas parceiras, que reconhecem seu altíssimo padrão de qualidade.

No Edify, você vai encontrar a melhor solução para implementar o bilinguismo na sua escola!

Esse pequeno texto que está localizado na página inicial da plataforma já nos traz um material rico de informações, visto que ao apresentar o trecho “Apenas 5% dos brasileiros falam inglês. No Edify, queremos mudar essa realidade e a sua escola pode fazer parte disso!”, a plataforma traz um enunciado altamente responsivo no sentido bakhtiniano. Pois dialoga com discursos sociais que evidenciam falhas estruturais da educação pública, especialmente no ensino de línguas. A responsividade aqui se manifesta não apenas como resposta a uma situação concreta de déficit educacional, mas também de forma projetiva, uma vez que o enunciado antecipa os desejos do interlocutor (quando direcionado a gestores e donos de escolas) e os guia em direção à adesão ao programa oferecido pela Edify. Dessa maneira, o enunciado se constrói a partir de uma situação relativamente preocupante, apelando à emoção e ao senso de urgência, enquanto posiciona o Edify como agente solucionador do problema, fazendo com que responda a um problema social, mas de maneira redirecionada ao consumo de um produto educacional. Assim, o discurso se posiciona como resposta a um problema social, mas redireciona sua resolutividade para uma lógica mercadológica.

Ainda nesse trecho, é possível percebermos o momento em que, junto ao discurso que traz a plataforma como um “salvador”, também há o reforço da proposta com um discurso de autoridade institucional: “Somos o Edify Education e existimos para impulsionar toda a comunidade de educação em inglês [...]”, buscando, através dessa estratégia, antecipar os valores planejados pelo interlocutor (qualidade, inovação, prestígio) e oferece uma solução

que promete “a melhor implementação do bilinguismo”. No entanto, o termo “bilingue” é usado de forma genérica e funcional, apenas voltado à implantação do inglês, sem englobar outras possibilidades, sejam elas de línguas de prestígio (espanhol, francês etc) ou minoritárias, essas possibilidades só serão apresentadas em outra página do blog.

Ao entrarmos na aba referente ao conteúdo do bilinguismo, nos deparamos com o seguinte título: “Ensino Bilíngue: Absolutamente Tudo o que Você Precisa Saber!”. Em conjunto com o título de tom sensacionalista, o blog segue com a perspectiva de redução do sentido de “ensino bilíngue”, apresentando-a apenas como uma necessidade para se inserir em um mundo globalizado, sem considerar as especificidades do contexto brasileiro, dar atenção às demandas de acessibilidade ou considerar uma equidade educacional dentro do país. Sendo assim, podemos notar que a forma como a Edify constrói seu discurso evidencia sentidos atribuídos à língua como capital simbólico: ela aparece como recurso estratégico, voltado à ascensão educacional e econômica. Então traz o sentido do ensino bilíngue a partir de uma oposição implícita ao ensino monolíngue, destacando as supostas limitações de um “desenvolvimento linguístico tradicional” frente às exigências da atualidade. Assim, o bilinguismo é valorizado como solução para demandas do mercado, marcado pela promessa de vantagens cognitivas, acadêmicas e culturais:

O ensino bilíngue representa uma abordagem educacional que vai muito além das convencionais iniciativas de desenvolvimento linguístico, abrangendo dimensões cognitivas, emocionais, culturais e psicolinguísticas. Seu propósito fundamental é preparar os alunos para que não apenas adquiram fluência em uma segunda língua, mas também se tornem cidadãos plenamente bilíngues, capazes de interagir e prosperar em um mundo cada vez mais diverso e globalizado.
(Edify Education, 2023)

Com isso, a definição do que seria o ensino bilíngue assume um caráter operacional e estratégico, voltado para os objetivos de escolas privadas e alunos inseridos num mercado globalizado. Já, com relação à definição do que é o bilinguismo, a página simplifica os debates teóricos, contudo, traz o bilinguismo na perspectiva de Grosjean (1994):

Seguindo as reflexões do renomado linguista François Grosjean, podemos definir um sujeito bilíngue como aquele que não só detém a habilidade de se comunicar em duas línguas distintas, mas que também emprega esse conhecimento linguístico como uma ponte para interagir com o mundo que o cerca. No entanto, é crucial destacar que ser bilíngue vai além da simples coexistência de duas línguas; implica a construção de um repertório linguístico moldado pelas características intrínsecas de cada idioma em questão.

(Edify Education, 2023)

Evidenciando que uma pessoa bilíngue não é apenas alguém que tem fluência comunicativa em duas línguas, mas sim quem sabe se relacionar com o mundo ao seu redor através delas. Isso, por sua vez favorece uma noção de bilinguismo próxima ao que Megale (2005) chama de bilinguismo aditivo, pois está voltado à aquisição de uma segunda língua sem perda da L1, definindo o ser bilíngue da seguinte forma:

Assim, ser bilíngue é uma experiência que transcende as fronteiras da linguagem e se estende a um mundo mais vasto de entendimento, respeito cultural e flexibilidade mental. Trata-se de um atributo valioso que permite aos indivíduos navegarem com sucesso em um mundo cada vez mais globalizado e interconectado.
(Edify Education, 2023)

Dessa forma, podemos pensar também nos outros dois parâmetros de classificação comentados por Almeida e Flores (2017), a intensidade e o objetivo. A começar pela intensidade, percebemos que a plataforma propõe um esquema de interdisciplinaridade, pois não propõe apenas uma aula ou tempos de aula direcionados à LE, mas sim o uso dela em outras matérias:

A interdisciplinaridade desempenha um papel fundamental na educação bilíngue. Não se trata apenas do ensino da língua em si, mas de como a língua se integra a outras áreas do conhecimento. No contexto da educação bilíngue, a língua não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas também um veículo que permite aos alunos explorar e compreender o mundo em toda a sua complexidade. Por meio da interdisciplinaridade, a língua se entrelaça com disciplinas como Matemática, Geografia, História, Ciências e muito mais, criando um ambiente de aprendizado multifacetado e envolvente. (Edify Education, 2023)

Essa proposta indica uma intensidade do tipo parcial bi-letrada, pois pressupõe o desenvolvimento de competências nas duas línguas. Já em relação ao objetivo, a proposta da Edify se aproxima de um modelo de enriquecimento, uma vez que a plataforma sugere a introdução da educação bilíngue desde os primeiros anos escolares, buscando desenvolver o inglês como recurso adicional, sem substituir a língua materna. Essa abordagem é reforçada por trechos que destacam os benefícios da exposição precoce à segunda língua:

Uma das vantagens mais notáveis do início precoce é o desenvolvimento de uma capacidade de atenção notável. As crianças bilíngues estão constantemente alternando entre dois repertórios

linguísticos, o que exige um alto nível de concentração. Esse exercício constante da atenção é como um treinamento mental, fortalecendo a capacidade cognitiva das crianças. (Edify Education, 2023)

Nesses dois trechos citados, já podemos notar que a linguagem do site é acessível, com frases curtas e diretas, o que não apenas facilita o entendimento do leitor, mas também contribui para construir a legitimidade do discurso e persuadir o público-alvo à adesão ao programa. Essa persuasão ocorre, principalmente, pela ênfase nas vantagens do ensino bilíngue, que, por sua vez, são apresentadas de maneira generalista, sem contextualização pedagógica, evidências que comprovem sua efetividade, ou origem da informação. Por exemplo, nesse trecho:

Uma das vantagens mais notáveis do início precoce é o desenvolvimento de uma capacidade de atenção notável. As crianças bilíngues estão constantemente alternando entre dois repertórios linguísticos, o que exige um alto nível de concentração. Esse exercício constante da atenção é como um treinamento mental, fortalecendo a capacidade cognitiva das crianças. (Edify Education, 2023)

Não há nada que comprove a veracidade da informação, mas ainda assim o tom confiante e motivacional das mensagens colabora para criar uma imagem de autoridade, o que reforça o caráter promocional do discurso. Dito isto, da mesma maneira que promove informações sem base, traz também os benefícios, como: a proficiência linguística, o desenvolvimento cognitivo, o destaque acadêmico e também acesso a oportunidades internacionais, como podemos ver nesse trecho:

Portanto, o ensino bilíngue não é apenas um meio de adquirir proficiência em duas línguas, mas uma via para desenvolver habilidades de pensamento crítico, criatividade, resolução de problemas e empatia cultural. Essas competências de vida e socioemocionais não apenas enriquecem a experiência de aprendizado, mas também preparam os alunos para um mundo cada vez mais interconectado e diversificado, em que a compreensão intercultural e a aceitação do outro são atributos inestimáveis. (Edify Education, 2023)

Note que neste trecho, também é possível perceber como o enunciado é capaz de construir não apenas um discurso positivo, mas também comercial e instrucional, que dialoga diretamente com os discursos hegemônicos sobre inovação educacional e globalização. Dessa forma, busca envolver o leitor e dar a ele uma responsividade afetiva, provocando uma reação emocional por meio de promessas de sucesso e desenvolvimento pessoal. O que observamos também é a predominância de um discurso comercial-instrucional, que reflete os valores

contemporâneos buscados pelos atuais gestores e donos de escolas, no entanto, por não explicitar como esses objetivos seriam de fato alcançados no processo pedagógico, o enunciado ganha um caráter essencialmente **promocional**, voltado à sedução e à legitimação do produto educacional ofertado, em detrimento de uma abordagem crítica ou fundamentada do ensino bilíngue, como podemos ver nesse trecho:

Imagem 2 - Implementação do Ensino Bilíngue na Escola (edify)

O ensino bilíngue não é simplesmente uma aula de língua estrangeira, é uma jornada de desenvolvimento multidimensional que enriquece a vida dos alunos. Eles não apenas dominam um novo idioma, mas também adquirem uma compreensão mais profunda de diferentes culturas e uma ampla gama de competências valiosas que os beneficiarão ao longo de suas vidas.

O Edify Education é um parceiro comprometido em fornecer educação bilíngue de qualidade e ajudar as escolas a trilhar esse caminho de sucesso. A visão é clara: o futuro é bilíngue, e o Edify está empenhado em preparar as gerações futuras para enfrentar os desafios de um mundo cada vez mais globalizado com confiança e habilidades que transcendem as fronteiras linguísticas e culturais. Essa abordagem enriquecedora não apenas prepara os alunos para o sucesso acadêmico, mas também para uma vida como cidadãos globais que compreendem e valorizam a diversidade do mundo que os rodeia.

Ou seja, o foco é colocado no desempenho que o aluno terá, na suposta garantia de vantagem competitiva do futuro e na diferenciação das escolas que aderem ao programa, em vez de trazer alguma explicitação metodológica. Ainda que mencione a integração entre conteúdos e idiomas, traz pouca informação, o que limita a compreensão da proposta pedagógica adotada.

Com isso, abrem-se as portas para a investigação de como dialoga (ou não) com as diretrizes e políticas educacionais. Nesta página do blog, não há nenhuma citação direta relacionada à BNCC, apenas indireta quando propõe desenvolver conhecimento, pensamento científico, crítico e criativo, repertório cultural, etc. No entanto, ao abrirmos a página “Anos Finais do Ensino Fundamental: a importância da educação bilíngue”⁴, podemos observar uma parte que diz:

O programa bilíngue do Edify está totalmente alinhado às competências e habilidades da BNCC. Isso significa que, além de aprender inglês, os alunos estão desenvolvendo habilidades fundamentais, como comunicação, pensamento crítico, resolução de problemas e colaboração. Essas competências são essenciais para a formação integral dos estudantes, preparando-os para os desafios do

⁴ [Anos Finais do Ensino Fundamental: a importância do bilinguismo](#)

século XXI.

No entanto, essa menção permanece superficial e sem detalhamento metodológico, funcionando mais como uma estratégia institucional de legitimação do serviço do que como evidência de integração real com o documento curricular. Da mesma forma que aconteceu com a BNCC, ocorreu também com o Parecer CNE/CEB nº 2/2020, não há menção direta na página onde afirma ter tudo sobre o ensino bilíngue. Sua presença só é registrada em outro post⁵, onde refletem o documento de maneira simples e afirmam: “O Edify já oferece soluções alinhadas às exigências do parecer e está se adequando para atender às novas demandas.” (Edify, 2021), reforçando novamente o uso das diretrizes oficiais como elementos de validação institucional, e não como fundamentos estruturantes da proposta pedagógica.

Além do conteúdo textual, as imagens usadas nas páginas do blog, remetem a crianças felizes, escolas bem estruturadas e diversidade étnica, o que induz o leitor a interligar a plataforma à internacionalização, ao sucesso escolar e à felicidade infantil. O que, ao lidar com gestores e famílias em busca de inovação e prestígio educacional, facilita a venda do produto, visto que esse recurso estético traz uma falsa ou superficial sensação de compromisso com a inclusão ou a equidade, ainda que textualmente isso não seja exposto.

Imagem 3 - Página inicial Edify

Nossas Soluções

Programa bilíngue

Edify Premium

Para a escola que quer inovar por meio de metodologias ativas que, além de entregarem um nível avançado de inglês aos alunos, ainda desenvolvem suas habilidades criativas e socioemocionais.

Programa bilíngue

Edify Essencial

Para a escola que busca uma solução interdisciplinar e de fácil implementação. Seu aluno aprende inglês com ciência, matemática e geografia por meio da abordagem CLIL.

[Saiba mais](#)

Programa bilíngue

Edify Premium Plus

Para a escola que busca fortalecer o ensino do inglês enquanto desenvolve habilidades digitais e de programação em seus alunos.

[Saiba mais](#)

! Topa responder uma rápida pesquisa re nossa marca? Leva só 3 minutos, feito para o café. Thanks! 😊

Quer conhecer o melhor ensino bilíngue para escolas de todo o Brasil? Acesse Configurações para ativar o Edify.

Na perspectiva bakhtiniana, todo signo é ideológico, pois carrega consigo uma avaliação social, ele sempre reflete e refrata valores culturais, relações de poder e expectativas sociais (BAKHTIN, 2010). Assim, quando a Edify associa o bilinguismo ao sucesso, à

⁵ [Diretrizes Nacionais Curriculares do Ensino Plurilíngue](#)

felicidade infantil e ao ingresso no mundo globalizado, ela mobiliza signos ideológicos que não apenas comunicam, mas constroem sentidos normativos sobre o que é uma “boa educação”. Com isso, as imagens deixam de ser meramente ilustrativas e passam a integrar o discurso da plataforma, produzindo sentidos e reforçando valores sociais ligados à escolarização de elite, ao consumo e à competitividade global.

Dito isso, é importante ressaltar que as questões sociais e culturais brasileiras são praticamente ausentes no discurso da Edify. No entanto, isso já era esperado, visto que é uma empresa que atua na oferta de serviços educacionais voltados à implementação de programas bilíngues em escolas particulares, o que já delimita um público de classe média e alta. A plataforma cumpre com seu objetivo de mercantilizar o bilinguismo, trazendo-o apenas como um ideal a ser alcançado por meio da aquisição de produtos educacionais.

Essa característica foi observada como um ponto em comum nas plataformas selecionadas, o que, por sua vez, traz uma certa preocupação sobre o modo como o bilinguismo tem sido representado nesse mercado, visto que não englobam as desigualdades de acesso, bilinguismo em contexto de vulnerabilidade, nem reconhecimento da diversidade de comunidades linguísticas no Brasil, como as comunidades indígenas, populações migrantes ou surdos.

Do ponto de vista da Análise Dialógica do Discurso, essa ausência de vozes marginalizadas evidencia um efeito de silenciamento que rompe com a natureza dialógica da linguagem. Ao apresentar apenas um tipo de sujeito bilíngue, geralmente pertencente a uma elite escolarizada, o discurso da plataforma limita os sentidos possíveis para o bilinguismo, ignorando a multiplicidade de experiências linguísticas que compõem o Brasil. Esse movimento revela um caso de dialogismo incompleto, em que determinadas vozes não encontram espaço de escuta ou representação, sendo excluídas da cadeia comunicativa e, portanto, da construção de sentido.

Logo, ignorar esses aspectos quando pensamos em educação bilíngue é um ato falho, pois, ainda que mencione as políticas de base e diretrizes, o fato de silenciar a pluralidade de realidades brasileiras e a complexidade linguística do país, mostra um afastamento das discussões sobre políticas públicas, acessibilidade e pluralidade sociolinguística debatidas tanto na BNCC quanto no Parecer.

Em resumo, a análise do discurso da Edify nos mostra que seus enunciados são organizados estrategicamente para responder às demandas do mercado educacional e persuadir um interlocutor específico. Os gêneros discursivos mobilizados, os signos ideológicos acionados e os sentidos construídos projetam uma visão de bilinguismo funcional, elitizado e competitivo, alinhado a um modelo parcial bi-letrado. A ausência de responsividade às vozes da diversidade linguística brasileira e o uso superficial das diretrizes oficiais reforçam um discurso que, embora envolto em uma estética inclusiva, acaba por reforçar desigualdades e silenciar outras possibilidades de ser bilíngue no país.

6.2- Como o discurso compõe o cenário brasileiro

Nenhum dizer é inocente, ingênuo, gratuito, pois sempre está ligado aos interesses de quem diz (mesmo que a pessoa nem saiba que interesses são esses). Logo, nenhum enunciado é neutro no sentido de que todo enunciado é interessado, ou seja, é algo com que o locutor deseja realizar seu projeto de dizer, aquilo que ele quer que o outro aceite como bom, verdadeiro, correto, etc., a fim de fazer valer seus interesses. Não há locutor que diga algo com total imparcialidade, porque dizer algo sempre parte da realidade da pessoa, de sua vida, de suas experiências, revelando a sua posição, tanto sobre um dado assunto como a posição que ela ocupa na coletividade. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1084)

Sobral e Giacomelli explicam que o discurso não é algo independente de sentido e contexto, sempre está carregado de intencionalidade e reflete a posição social, política e ideológica de quem o produz. Nesse sentido, os textos e enunciados veiculados nas plataformas digitais de ensino bilíngue não são neutros ou puramente informativos: eles expressam projetos de mundo e tentam legitimar certos modelos educacionais.

Entendendo isso, podemos dizer que os textos instigados não informam apenas propostas educacionais, mas trazem discursos voltados à validação de modelos de educação bilíngue específicos, ligados ao desempenho acadêmico e pessoal, à vantagem competitiva e, principalmente, à venda da língua adicional como produto de luxo. Ou seja, além de observar que cada plataforma vai expor suas ideias a partir do público que deseja alcançar, podemos observar também o transparecimento tanto das intenções quanto as exclusões nos discursos que produzem.

E, com relação ao cenário da educação brasileira privada, geralmente o que identificamos é a oferta de um programa monolíngue, onde a L2 é utilizada apenas como

matéria curricular. No entanto, os discursos que observamos através da ADD nas plataformas se aproximam, em sua maioria, do modelo parcial bi-letrado, onde enfatizam o uso e o prestígio da L2, trazendo como objetivo promover um bilinguismo de enriquecimento, voltado à ampliação de repertório cultural e cognitivo, mas restrito a contextos de elite e desconectado de práticas inclusivas, como por exemplo o fato de que em nenhuma das plataformas analisadas há espaço para sujeitos de contextos periféricos, comunidades linguísticas minorizadas ou propostas de bilinguismo que escapem da lógica de mercado.

Embora tenhamos nos proposto a investigar os ensinios bilíngues tanto em espanhol quanto em inglês, podemos notar que nas plataformas analisadas há uma presença quase exclusiva da língua inglesa como foco de suas propostas. O que, por sua vez, revela não apenas uma preferência pedagógica, mas um movimento ideológico que associa o inglês ao sucesso, à ascensão social e à inserção no mercado global.

A ausência do espanhol nesse âmbito, traz a sensação da ocorrência de um silenciamento simbólico sobre outras línguas de relevância regional, visto que a língua espanhola é a segunda língua oficial do Mercosul e prevista na legislação brasileira como oferta preferencial no Ensino Médio e, mesmo assim, não é valorizada a ponto de ter uma plataforma voltada ao seu ensino. Contudo, essa relevância legal e regional contrasta com um discurso utilitarista predominante, que, conforme apontado por Zolin-Vesz e Vilhena (2013), desvaloriza o ensino formal e a escola como espaços eficazes para o aprendizado do idioma. Esse discurso é ancorado em pré-construídos como a suposta facilidade de aprender espanhol e a supervalorização da imersão no exterior como a única via para a fluência, o que, por sua vez, perpetua práticas pedagógicas anacrônicas e ineficazes. Assim, a língua não é valorizada a ponto de ter uma plataforma voltada ao seu ensino, pois seu aprendizado é frequentemente reduzido a uma questão de negócio, e não de formação integral.

Por meio da análise, podemos dizer, que, em relação às classificações propostas por Mackey (1972, apud Megale 2005), tanto as plataformas Edify Education e Conexia Educação, que são voltadas à parceria, gestão e implantação do ensino bilíngue, como a Unyleya, que é voltada à formação, constroem e apresentam o cenário da educação bilíngue brasileira focado na intensificação de ensino e aprendizado de línguas majoritárias e institucionalizadas. O que, por sua vez, reforça o aspecto de que, com a aplicação do inglês, tanto o professor, quanto o aluno estariam em vantagem com relação à empregabilidade e projeção internacional.

Em resumo, o que observamos aqui é que a análise dos discursos veiculados pelas plataformas revelam que, embora se apresentem como promotoras de um bilinguismo de enriquecimento, suas narrativas estão profundamente enraizadas em uma lógica de mercado. Essa lógica não apenas privilegia o inglês como língua de ascensão social e profissional, mas também contribui para o silenciamento de outras línguas de relevância regional, como o espanhol, cujo aprendizado é reduzido a um viés utilitarista e desvinculado de uma formação educacional mais ampla. Dessa forma, o cenário da educação bilíngue privada no país, conforme construído por esses discursos, perpetua um modelo que, ao invés de promover a diversidade linguística e a inclusão, reforça a hegemonia de línguas majoritárias e a exclusão de contextos periféricos, limitando o potencial transformador do bilinguismo a uma mera ferramenta de vantagem competitiva no mercado global.

7. Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo principal analisar criticamente as propostas de ensino bilíngue veiculadas em plataformas digitais. Para isso, foram relacionados seus discursos aos fundamentos teóricos do bilinguismo e às diretrizes educacionais brasileiras, dando maior ênfase ao Parecer CNE/CEB nº 2/2020. Sua estrutura foi feita em seis capítulos: apresentou-se a metodologia utilizada, baseada na análise documental e na Linguística Aplicada, com apoio da Análise Dialógica do Discurso (ADD). Em seguida, discutiram-se aspectos fundamentais, como língua, linguística e linguística aplicada. Na terceira parte, foi realizada uma revisão teórica sobre o bilinguismo, abordando suas definições, classificações, dimensões sociais e cognitivas, além de aspectos identitários. No capítulo seguinte, aprofundou-se o debate sobre bilinguismo na educação, com foco nas políticas públicas e diretrizes educacionais.

E, por fim, na seção analítica, apresentamos três plataformas: Edify Education, Conexia Educação e Faculdade Unyleya, nas quais analisamos os enunciados a partir dos seguintes critérios: (a) definição de educação bilíngue, considerando as categorias de bilinguismo transicional, mono-letrado, parcial bi-letrado e total bi-letrado; (b) público-alvo das plataformas; (c) tom discursivo; (d) representações visuais; (e) referência a documentos oficiais; (f) vantagens atribuídas ao bilinguismo; (g) concepção de língua (como produto, direito ou identidade); e (h) atenção a aspectos culturais e sociais. Optamos por nos aprofundar apenas na Edify Education, visto que, comparada às outras, traz mais consistência em seu discurso.

A análise revelou, que, embora muitas dessas plataformas ofereçam recursos e propostas voltadas à implementação de programas bilíngues, há uma tendência dominante ao discurso mercadológico e de tom comercial, frequentemente causando um prejuízo a uma abordagem verdadeiramente pedagógica, crítica e contextualizada.

Através dela, conseguimos perceber também que, apesar do avanço em ampliar o entendimento institucional sobre o tema ao reconhecer oficialmente a educação bilíngue em contextos escolares para além da educação de surdos, documentos como o Parecer CNE/CEB nº 2/2020, ainda possuem lacunas importantes e que precisam ser preenchidas, como a ausência de diretrizes específicas para a educação infantil bilíngue, além de uma orientação voltada prioritariamente à formação para o mercado, deixando em segundo plano o desenvolvimento pleno e cidadão dos estudantes.

Outro ponto importante a ser destacado é que, em consequência não só desse documento, mas também do cenário proposto de globalização, ao analisarmos as plataformas Edify Education, Conexia Educação e Faculdade Unyleya, podemos ver com clareza a recorrente valorização da língua como produto, o que muitas vezes ignora aspectos fundamentais como a identidade cultural, a formação crítica e a diversidade linguística e social de um país rico e multilíngue como o Brasil, o que nos mostra a necessidade de um olhar um pouco mais minucioso sobre as propostas de ensino bilíngue, ou seja, a proposta de um ensino que vá além das promessas de competitividade, vantagem e fluência.

Dessa forma, esta pesquisa contribui para o debate sobre a educação bilíngue ao lançar luz sobre os discursos que a constituem, ressaltando a importância de políticas e práticas pedagógicas que considerem a criança como sujeito social, cultural e linguístico, e não apenas como futura profissional de um mercado globalizado. Propõe-se, assim, que novas investigações aprofundem as formas como o bilinguismo vem sendo apropriado nas instituições escolares, inclusive públicas, e que o campo educacional retome seu compromisso com uma formação integral, crítica e inclusiva.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. M. F. Notas sobre a sociologia do poder: a linguagem e o sistema de ensino. *Horizontes*, Bragança Paulista, v. 20, p. 15–30, jan./dez. 2002.
- ALMEIDA, Letícia; FLORES, Cristina. Bilinguismo. In: FREITAS, Maria João; SANTOS, Ana Lúcia (orgs.). *Aquisição de língua materna e não materna: questões gerais e dados do português*. Berlin: Language Science Press, 2017. p. 275–304. DOI:10.5281/zenodo.889439.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952–1953]. (1ª ed. 2016), 3ª reimpressão. 176 p.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. Tradução de Paula Montero. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1996.
- BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Câmara da Educação Básica. *Parecer CNE/CEB nº 02/2020*. Distrito Federal: Ministério da Educação, 9 jul. 2020.
- CRANE, Cybelle Croce Rocha. Língua materna, língua estrangeira, segunda língua. *Revista Paidéi@*, UNIMES Virtual, v. 2, n. 4, jul. 2011.
- CRISTOFOLI, M. S. *Políticas de línguas estrangeiras na educação básica: Brasil e Argentina entre avanços, percalços*. 2010.
- CRISTOFOLI, M. S. Políticas para a educação básica e as línguas estrangeiras nos documentos do Brasil, Argentina e MERCOSUL Educacional. In: *Seminário da Pesquisa em Educação da Região Sul*, 2012.
- DE CASTILHO, A. T. Políticas linguísticas no Brasil: o caso do português brasileiro. *Lexis*, v. XXV, p. 271–297, 2001.
- DEL VALLE, J.; GABRIEL-STHEEMAN, L. Lengua y mercado: el español en la era de la globalización económica. In: DEL VALLE, J.; GABRIEL-STHEEMAN, L. (eds.). *La batalla del idioma: la intelectualidad hispánica ante la lengua*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana-Vervuert, 2004. p. 253–264.
- FLORY, E. V.; SOUZA, M. T. C. C. de. Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações. *Intercâmbio*, v. 19, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3488>.

HAMEL, Rainer Enrique. La política del lenguaje y el conflicto interétnico; problemas de investigación sociolingüística. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Política lingüística na América Latina*. Campinas: Pontes, 1988.

HÖFLING, Eloísa de Matos. Estado e políticas (públicas) sociais. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 21, n. 55, nov. 2001.

JORDÃO, Clarissa M. ILA – ILF – ILE – ILG: quem dá conta? *RBLA - Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 14, n. 1, p. 13–40, 2014.

LIBÂNIO, José C. Internacionalização das políticas educacionais: elementos para uma análise pedagógica de orientações curriculares para o ensino fundamental e de propostas para a escola pública. In: SILVA, Maria Abádia; CUNHA, Célio (orgs.). *Educação básica: políticas, avanços e pendências*. Campinas (SP): Papirus, 2014. v. 1, p. 7–385.

LIBÂNIO, José C. Internacionalização das políticas educacionais e políticas para a escola: elementos para uma análise pedagógico-política de orientações curriculares para o ensino fundamental. In: *XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino*. Campinas: UNICAMP, 2012.

LIBERALI, Fernanda Coelho. O desenvolvimento de agência e a educação multi/bílingue. In: MEGALE, Antonieta (org.). *Desafios e práticas na educação bilíngue*. São Paulo: Parábola Editorial, 2020. p. 79–91.

LIMA, Paulo Gomes; ARANDA, Maria Alice de Miranda; LIMA, Antônio Bosco de. Estado, políticas educacionais e gestão democrática da escola no Brasil. In: *ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO*, 15., 2010, Belo Horizonte. Anais [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

MEGALE, Antonieta Heyden. Bilinguismo e educação bilíngue – discutindo conceitos. *ReVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 3, n. 5, ago. 2005. ISSN: 1678-8931. Disponível em: www.revel.inf.br.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019

PASSONI, T. P.; LUZ, J. G. Política e planejamento linguísticos no Brasil: levantamento de orientações curriculares para o ensino de línguas estrangeiras. *ReVEL*, v. 14, n. 26, 2016.

SARRI, Maria Paula. Discussão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a oferta de educação plurilíngue em contextos de elite. 2021. Monografia (Licenciatura em Letras – Português) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2011[1916].

SILVEIRA, N. da; SOUZA, A. C. de. Bilinguismo precoce: a inserção de uma segunda língua no cotidiano escolar infantil. Disponível em: <http://enalic2014.com.br/anais/anexos/7870.pdf>.

SOARES, Sabrina et al. Bilinguismo – o impacto de uma segunda língua na vida do brasileiro. *Revista Tópicos*, v. 1, n. 4, 2023. ISSN: 2965-6672.

SOBRAL, Adail. *A filosofia primeira de Bakhtin: roteiro de leitura comentado*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019. 168 p.

TORRES, Rosa M. *Educação para todos: a tarefa por fazer*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

TUSSI, M. G.; XIMENEZ, A. Bilinguismo: características e relação com aspectos cognitivos. In: *X Semana de Letras da PUCRS*, 2010, Porto Alegre. *Anais da X Semana de Letras da PUCRS*, 2010.

VOLÓCHINOV, V. (2017). Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (S. Grillo, trad.). Editora 34. (Trabalho original publicado em 1929.)

ZOLIN-VESZ, Fernando; VILHENA, Flávia Braga Krauss de. Acuerdo cerrado – (des)construindo o discurso utilitarista sobre a aprendizagem da língua espanhola. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 52, n. 2, p. 259–269, jul./dez. 2013.

ANEXO A- TABELAS DE SITES ENCONTRADOS

INFORMAÇÕES

- PESQUISA: “Educação Bilíngue”
- Resultados: 122.000 links (bing)
- aproximadamente 166.000 resultados (google)

Diretores/ donos de escola/ alunos

Nome da plataforma	Site (endereço)	Ano	situação
Edify Education	Ensino Bilíngue: Absolutamente Tudo o que Você Precisa Saber! (edifyeducation.com.br)	2023	ativa
Conexia educação	Entenda o que é escola bilíngue e quais são as vantagens! (conexia.com.br)	2021	ativa
you	O que é Educação Bilíngue? YOU Bilíngue (youbilingue.com.br)	2020	ativa
EI	Qual a importância de uma educação bilíngue e como oferecê-la? Escola da Inteligência (escoladainteligencia.com.br)	2020	ativa
High Five Bilingual	Quais são as características de uma escola bilíngue? (highfivebilingual.com.br)	2023	ativa
ABEBI	ABEBI Associação Brasileira do Ensino Bilíngue	?	ativa

Para tutores/ pais

Nome da plataforma	Site (endereço)	ano	situação
Kumon	Educação bilíngue: Definição e benefícios (kumon.com.br)	2023	ativa
Colégio Etapa	Ensino bilíngue: entenda como funciona e quais as vantagens (etapa.com.br)	2024	ativa
Rede Escola Hub	Como funciona uma verdadeira escola bilíngue? – Escola Hub	2018	ativa
Escola Portal Sorocaba	Ensino Bilíngue: O que é, Como Funciona e Vantagens (2024) (escolaportalsorocaba.com.br)	2022 Atualizado em 9 de janeiro de 2024	ativa
Escola Bilingue Carolina Patricio	Ensino bilíngue: o que é, como funciona e quais são as vantagens (escolacarolinapatricio.com.br)	2023	ativa

Educadores (graduados);
Professores (graduados); Coordenadores;
Consultores (graduados)

Nome da plataforma	Site (endereço)	Ano	situação
Instituto Singularidades	Faça Pós-graduação em Bilinguismo e Educação Bilíngue - Instituto Singularidades - SING - MEB	2023	ativa
Faculdade Unyleya	Pós-Graduação em Educação Bilíngue Unyleya - Pós-Graduação e Graduação EAD de qualidade	2024?	ativa

